

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS



(RE)ENCONTRANDO MARIA VERÔNICA DA PAS
Trajetos e feitos de uma médica psiquiatra em terras capixabas

Orientanda: Jaiara Dias
Orientador: Osvaldo Martins de Oliveira

VITÓRIA
2023

JAIARA DIAS SOARES

(RE)ENCONTRANDO MARIA VERÔNICA DA PAS

Trajetos e feitos de uma médica psiquiatra em terras capixabas

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Martins de Oliveira.

VITÓRIA
2023

AGRADECIMENTOS

Aos meus ancestrais por me Orí-entarem em minha missão de vida.

À minha referência de força e determinação, Maria Verônica da Pas, *In Memoriam*.

Aos militantes dos movimentos negros do Brasil pela pulsão palmarina no corpo e na alma, por não deixar morrer em nós o desejo da liberdade.

À Thaís Souto Amorim e toda a equipe do Museu Capixaba do Negro pela oportunidade de me conectar com o estado que eu nasci e me criei e por me proporcionar um direcionamento intelectual no campo das Ciências Sociais.

Ao antropólogo e professor Osvaldo Martins de Oliveira pelas preciosas orientações desde os primeiros passos na condução dessa pesquisa.

Aos familiares de Maria Verônica da Pas por autorizar esse trabalho, disponibilizar seus textos e fotografias. Por confiar e apoiar uma jovem menina cheia de sonhos no coração e com uma grande missão de evidenciar a memória de seu grande amor e saudade.

Às professoras e professores negros, que muito me ensinaram ao longo de minha trajetória estudantil, enriquecendo minha leitura de mundo e mostrando caminhos diversos para contar histórias.

Em especial, a professora Kiusam de Oliveira que em meu longo período de dias nublados e cinzentos, trouxe seu brilho e encantamento na sala de aula, iluminando os meus dias e impulsionando o meu desejo de estudar e fabular.

Às minhas amigas Evelyn Cristina, Marcela Aguiar e Tamyres Batista, pelas risadas, lágrimas e aconchego, o apoio de vocês foi fundamental para a minha permanência na Universidade.

À Arielly Santos, Carolina Cyrino e Nayara Oliveira, e, minhas irmãs douradas, por me colocar frente ao meu espelho quando eu não consigo enxergar a minha grandeza.

À Luhan Gaba, pela escuta atenta e carinhosamente me lembrar da beleza do meu ser.

À minha base, meu alicerce, sustentação da minha existência, minha mãe Vanusia Souza, meu pai Jilovan Soares, minha tia Neire Eid e minha irmã Dorinha Souza por todo amor e por se movimentarem comigo em busca dos meus sonhos e prosperidade por meio da arte educação.

Ao meu sobrinho João Lucas, um novo amor que há 2 anos chegou na família e nos enche de alegria.

À jaiara criança, por sustentar os meus sonhos e desejos.

Salve a Ibejada!

Vozes-Mulheres

*A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela*

*A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.*

*A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade*

Conceição Evaristo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 - ORIGEM DA FAMÍLIA, MIGRAÇÃO E PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO	11
2 - ANALISAR A MILITÂNCIA POLÍTICA	17
2.1 - SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA ESCRAVIDÃO	17
2.2 - VERÔNICA NO AUDIOVISUAL	22
2.3 - MILITÂNCIA NO MOVIMENTO DE MULHERES, ATUAÇÃO PROFISSIONAL E PRODUÇÃO INTELECTUAL	24
3 - DO PROJETO À NOMEAÇÃO DO MUSEU CAPIXABA DO NEGRO VERÔNICA DA PAS: LUGAR E PERSONAGEM DE MEMÓRIA	36
3.1 - O CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO E CULTURAL DA CRIAÇÃO DO MUSEU CAPIXABA DO NEGRO.....	36
3.2 - O MOVIMENTO “VIGÍLIA CULTURAL OCUPAR PARA RESISTIR”.....	45
3.3 - O MUCANE COMO LUGAR E MARIA VERÔNICA DA PAS COMO PERSONAGEM DE MEMÓRIA.....	51
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	57

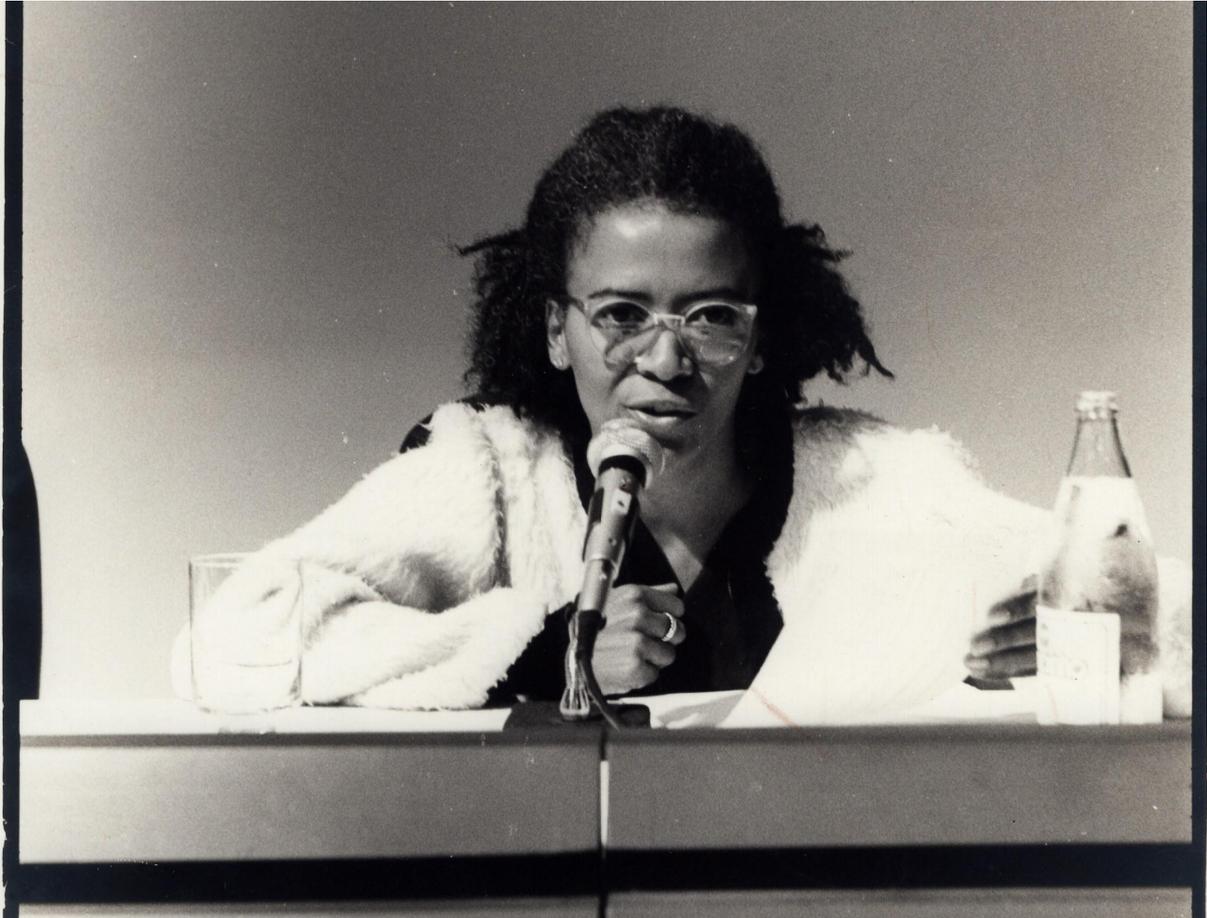


Foto nº 2 - Verônica da Pas na abertura do Seminário Internacional da Escravidão na Universidade Federal do Espírito Santo, ano de 1988. (Acervo pessoal da família de Verônica).

INTRODUÇÃO

O objetivo geral desta monografia é estudar a trajetória de escolarização, profissional e política da médica psiquiatra Maria Verônica da Pas. Entre os objetivos específicos, a monografia se propôs: 1º) apresentar uma breve síntese da origem e migração da família de Maria Verônica da Pas do estado de Minas Gerais para o Espírito Santo, a entrada e conclusão da biografada no curso de medicina e

os primeiros anos de sua atuação profissional; 2º) analisar a militância política e atuação profissional e intelectual de Verônica na organização do Seminário Internacional da Escravidão na Universidade Federal do Espírito Santo, bem como sua inserção no campo da produção audiovisual e no movimento de mulheres; 3º) debater a atuação de Verônica da Pas no projeto, criação, restauração e nomeação do Museu Capixaba do Negro que, após a morte da idealizadora, incorporou o seu nome, tornando-se o Mucane um lugar de memória e Maria Verônica da Pás uma personagem da memória afro-brasileira no Espírito Santo.

No Brasil, o povo negro tem sido sistematicamente invisibilizado nos livros de história, nos arquivos e nas memórias coletivas. Esta violência encontra suas raízes no projeto colonizador, de embranquecimento do país, em todos os seus aspectos.

Apesar do projeto da eugenia da população brasileira desde o século XX não ter se concretizado totalmente, uma vez que as pessoas negras representam hoje mais de 50% da sociedade, o esforço em desprezar a presença dos afro-brasileiros, está em andamento até os dias atuais.

Uma das ferramentas deste processo de invisibilização é o apagamento da existência humanizada do povo negro na memória nacional, o silêncio sobre a sua participação na formação política e cultural do país, em especial, sobre personagens que protagonizaram as lutas por liberdade e igualdade revela que o projeto de Estado de apagamento deste grupo ainda está em curso.

Então, minha intenção nesta monografia, é romper o silêncio e trazer para as margens visíveis da memória coletiva capixaba, a trajetória intelectual de Maria Verônica da Pas, e sua contribuição política para a sociedade capixaba.

Médica psiquiatra e psicanalista, formada na década de 70, especialista em políticas públicas, militante do movimento negro e de mulheres, Maria Verônica da Pas lutou pelos direitos reprodutivos em pleno regime da ditadura militar e pela humanização da saúde mental, quando os eletrochoques e o confinamento ainda davam a tônica nos tratamentos psiquiátricos. Mulher negra, roteirista, poeta, mãe solo, filha, irmã, amiga.

Trata-se de uma personagem negra muito importante na história recente do Espírito Santo. Escrever histórias de vida não é uma das tarefas mais fáceis. E o desafio se torna ainda maior, pois apesar da sua relevância, trata-se de uma pessoa desconhecida por grande parte da sociedade capixaba. Tantas dimensões de uma mesma vida torna difícil a tarefa de resumir, em apenas uma monografia, a magnitude da sua existência.

Com este trabalho, pretendo compor uma área de pesquisa que vem crescendo nas Ciências Sociais e que se debruça a relatar trajetórias, histórias de vida e narrativas biográficas, e principalmente restabelecer a memória nos dias atuais, as produções intelectuais de homens e mulheres negras. É um trabalho de reconstituir a história do país bem como pluralizar as narrativas sobre as inúmeras realidades brasileiras.

Todo esse interesse em se debruçar nos estudos biográfico, surgiu na minha experiência de estágio no Museu Capixaba do Negro. Apesar do espaço levar o nome de sua fundadora, pouco se sabia sobre sua trajetória e como era sua imagem, pois também não havia fotografias dela em seu acervo.

Os caminhos metodológicos dessa pesquisa se firmaram através da minha caminhada ao encontro de relatos e memórias sobre sua vida. Nisso, se estabeleceu uma escrita andarilha, em trânsito, firmado numa encruzilhada de linguagens: memória escrita, imagética e oralidade, estabelecendo diálogos com familiares, amigos e militantes negros que tem uma ligação com Verônica, acesso ao acervo da família com vídeos, artigos e imagens de arquivo, realização de rodas de conversas, palestras e exposição deste acervo.

Uma dos referenciais teóricos desta pesquisa é Pierre Bourdieu, que aponta em seu artigo “A ilusão biográfica” os caminhos sobre o ato de narrar histórias de vida e conceitua trajetória como uma direção que relaciona o agente social e seu campo de acontecimentos significativos, bem como acrescenta que narrar uma vida pressupõe uma imaginação. Afirma que não se pode narrar com tanta fidelidade a vida inteira de uma pessoa, ainda mais quando ocupamos um espaço tempo distinto da pessoa investigada, visto que há algo que se perde nesse contexto. O autor

relata que o senso comum, em sua linguagem simples, descreve a vida como um caminho, um trajeto, uma encruzilhada (Bourdieu,1986).

Enquanto pesquisadores, ao trabalhar histórias de vida, buscamos dar sentido aos seus feitos fazendo uma ligação do passado e presente, como um continuum imaginado. Portanto, aqui é um recorte da realidade com a intenção de mapear sua contribuição, a partir de registros e história oral de pessoas que compartilharam o mesmo tempo-espaço que Verônica.

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que “se entrega” a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. (Bourdieu, 1986, p. 184).

Por isso, a escrita deste trabalho é uma pequena fração da trajetória de Maria Verônica da Pas, e há uma intencionalidade nas minhas escolhas na seleção de momentos de sua vida. Não se atendo fielmente ao tempo linear e lógico de sua vida, mas um tempo cronológico que dá um sentido ao tempo social de sua contribuição política, traçando as linhas de um trajeto específico, seus caminhos na militância em prol das questões relacionadas a subjetividade negra atrelado ao seu conhecimento na área da saúde e políticas públicas.

Em seu olhar atento à psiquiatria social, Verônica visava o processo de subjetivação da pessoa, defendo a necessidade da pessoa tornar-se sujeita de sua própria história, um ser autônomo. Ela evoca as teorias do também médico psiquiatra Frantz Fanon ao analisar o processo de colonização e suas consequências na psique humana, em que cristaliza a violência e aprisiona a dignidade da pessoa colonizada no processo de desumanização da pessoa negra:

Esse negro uma vez tornado escravo, é despojado de sua dignidade, sua individualidade, cujo processo chamarei de desindividualização, ou seja, deixar de ser sujeito, deixar de ser indivíduo. Escravo, esse negro passa a ter função de uma mercadoria de valor comercial, equivalente a capital. Esse capital “humano”, através de sua força de trabalho, produzirá o excedente, a mais valia. (Pas,1988).

Em seus trabalhos aqui apresentados, é visível uma tentativa de desalienação da população negra e em especial das mulheres, determinação em se movimentar para esse fim em suas frentes de trabalho, revela o seu direcionamento na tentativa de se desmarcar dessa dominação, é exercida pela sociedade através da sua organização (Pas,1988).

Apesar dos diálogos e reflexões não findarem aqui, a intenção é apresentar uma das suas características mais marcante, a sua determinação, relatando seus feitos que ultrapassam as estruturas do seu tempo e vão além. Verônica ousou romper os paradigmas de subalternidade que são impostos às pessoas negras e rememorar a trajetória dessa grande mulher é mergulhar em suas dimensões existenciais, como muitas mulheres negras do mundo, a multiplicidade de talentos e funções não seria diferente em sua verve.

CAPÍTULO 1- ORIGEM DA FAMÍLIA, MIGRAÇÃO E PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO

O presente capítulo tem por objetivo apresentar uma breve síntese da origem e migração da família de Maria Verônica da Pas do estado de Minas Gerais para o Espírito Santo, a entrada e conclusão da biografada no curso de medicina e os primeiros anos de sua atuação profissional.

Maria Verônica da Pas, que aqui será chamada apenas de Verônica, nasceu em 09 de julho de 1948, na cidade de Itabira em Minas Gerais. Filha dos mineiros, Zenith Glória da Silva, dona de casa e costureira da família, e do vigilante Gabriel Ferreira da Silva. Seu pai era funcionário da Companhia Vale do Rio Doce na manutenção dos trilhos e devido a um problema de saúde foi transferido para atuar como vigilante no Porto do Cais de Capuaba, localizado em Vila Velha, cidade do Espírito Santo.

Em 1957, Verônica tinha nove anos quando chegou à cidade de Cariacica, no bairro Jardim América, lugar onde sua família fincou raízes. Quando pequena, Verônica, na contramão da realidade de muitas meninas negras da época, dizia para sua mãe que queria ser médica e seguiu sua jornada em busca de realizar esse desejo, com o apoio dos pais. Foi também ainda criança que Maria Verônica da Pas “descobriu” o racismo. Em um trecho da sua autobiografia, escrito em 1983 e publicado na revista MUCANE em 2012, registra:

Eu, Maria, como muitas. Nascida de família pobre, pai mestiço, filho de senhor de engenho com escrava vinda da região de Equeto. Mãe, filha de índios puris, que povoaram as margens do Rio Piracicaba e Rio Doce. Eu nascida, Verônica da Paz, natural de Minas Gerais, pai alfabetizado pelo Mobral há seis anos passados, exatamente três anos após a minha graduação como médica. Eu, segunda filha do casal que criou oito dos onze filhos que tiveram. Alfabetizada em colégio religioso de origem francesa, **onde apenas eu era “estrangeira”**. **Todos nós repetíamos o francês sem saber o que repetíamos. Única negra e de origem humilde. Conheci desde então a marginalidade, tendo começado aí a minha luta para diminuir a diferença em que eu era colocada** (PAS, 2012 [1983], p.11, grifo nosso).

É justamente nessa luta por uma sociedade mais justa que iremos encontrar, nas próximas linhas, Maria Verônica da Pas, já adulta, transgredindo as estruturas racistas da sua época.

O fato de o pai de Verônica trabalhar na Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), que na década de 1950 era uma empresa estatal, foi um fator influenciador para que Verônica acessasse o curso de medicina, pois mesmo com as dificuldades e provações econômicas de sua família, era possível efetuar o pagamento das mensalidades na EMESCAM (Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória), devido ao salário de seu pai, que estava um pouco acima da média de outras famílias negras do bairro Jardim América e de outros bairros da periferia da Grande Vitória.

Os bairros Jardim América e Taquari, no município de Cariacica, eram escolhidos como locais de moradia pelas famílias de vários funcionários da CVRD, devido às suas proximidades com a Estação Ferroviária e com o Centro de Vitória. Esses bairros também favoreciam os deslocamentos dos filhos dessas famílias para estudarem em escolas de Vitória. Além da família de Verônica da Pas, nesses bairros viviam também outras famílias negras que geraram um diferencial na sociedade capixaba, pois possibilitaram a seus filhos/as estudarem até concluir cursos universitários, alguns chegando ao mestrado e outros/as ao doutorado, como as famílias de Miriam Cardoso (mestre em História), Ademir Cardoso (geógrafo), Cleber Maciel (mestre em História e ex-professor da UFES), o artista plástico Irineu Ribeiro e a psicóloga Luizane Guedes (doutora em Psicologia). Em Jardim América, o Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias dos Estados do Espírito Santo e Minas Gerais criou, em 1991, o Colégio Eliezer Batista, que tinha, entre outros objetivos, atender os filhos dos funcionários das referidas empresas. Em 2022 a gestão dessa escola foi transferida para a Secretaria Municipal de Educação de Cariacica.

Em 1970, Verônica prestou vestibular para medicina na Universidade Federal do Espírito Santo e, para seu descontentamento, não foi aprovada. Determinada a ser médica, ingressou na Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia (Emescam), localizada na cidade de Vitória/ES, onde concluiu o curso e se especializou em psiquiatria no ano de 1974.

Entre as suas atividades na psiquiatria, tem destaque a atuação como psiquiatra social em Linhares, município do interior do Espírito Santo. Nessa mesma cidade, em 1977, Verônica foi nomeada Diretora Geral do Centro Psiquiátrico, cargo que ocupou até 1979, quando protagonizou uma polêmica demissão.

O hospital psiquiátrico estava ameaçado de ser fechado e transformado num hospital geral e a gestão de Verônica, que ambicionava torná-lo uma referência nos cuidados da saúde mental e assistência à comunidade, estava sendo impedida de colocar o projeto em prática. As divergências em termos da atuação profissional e as denúncias políticas por parte de Verônica em relação aos funcionários do hospital que eram contratados apenas por cargos e salários determinados, que não respeitavam as coordenadas de sua direção e nada faziam no hospital, levaram a sua demissão do cargo. Verônica afirmava que o hospital era “cabide de emprego para peixinhos de políticos”. Segundo ela,

Existe um serviço no centro psiquiátrico chamado psiquiatria integrada e que nós trabalhamos com a população de baixa renda. É um serviço moderno e o paciente tem um tratamento humano. Tem assistência social, assistência psiquiátrica e então é guiado para o serviço. (...) Esse trabalho é revolucionário, porque você está dando oportunidade para o indivíduo se conhecer, e isso incomoda na medida em que esse processo vai se desenvolvendo; o paciente passa a ser sujeito, quando ele passa a tomar consciência das coisas sociais, políticas, tanto a nível municipal, estadual e nacional. O trabalho desenvolvido não dá dinheiro e não é interessante. Existe interesse político e econômico em cima do prédio, onde funciona o serviço. (PAS, 1983, p. 3).

Assim que percebeu os interesses políticos acerca do Hospital, Verônica procurou o Deputado Estadual na época, o Dr. João Gama Filho, e exigiu participação nas decisões a respeito da saúde mental do hospital, por ser a única pessoa no município na área da psiquiatria e entender as reais necessidades dos pacientes. O pedido de Verônica não foi atendido e decisões foram tomadas sem a participação da primeira diretora negra de um hospital psiquiátrico no interior do Espírito Santo. Os políticos acabaram com o Centro Psiquiátrico, Verônica foi transferida para outra função e afirmou:

Não tenho pretensão política, esse trabalho é ideológico, então é político. O meu compromisso é com a saúde mental. Eles não estão perseguindo a Doutora Verônica, estão perseguindo a saúde da população, quando se dizem defensores e representantes do povo. (PAS, 1983, p. 3).

Mesmo com essa rasteira, Verônica não desistiu da cidade e contribuiu para a criação da delegacia regional do sindicato dos médicos de Linhares em 1979 e foi delegada sindical até 1983. Além disso, continuou exercendo a medicina de forma humanizada:

Não vou parar de fazer as consultas. Sou psiquiatra e não estou aqui para receitar Haloperidol para paciente. Eu tenho que promover a desalienação do paciente e não a alienação, inclusive medicamentando. Não serei eu que taparei a boca do indivíduo, pois o ato de tomar o comprimido é uma maneira de tapar a boca. (Pas, 1983, p. 3).

Vale registrar que ao contrário de diferentes países no mundo, o Brasil, a partir de 1964, durante o regime da ditadura militar, expandiu a rede de hospitais psiquiátricos privados, com a contratação de leitos nestes locais ('indústria da loucura'), que mais do que dobrou entre 1965 e 1970. Nesse período, o

sistema de saúde mental e a mentalidade vigentes se organizaram em torno da internação prolongada e, na psiquiatria, ao contrário de outras especialidades médicas, os critérios diagnósticos e para prescrição do tratamento e internação nem sempre são claros ou indiscutíveis, o recurso a medidas de violação de direitos humanos para manter a obediência tornou-se a regra. Em verdade, usando o termo do glossário construído por Almeida-Filho, a loucura, para além de uma 'doença' (que pressupõe alterações morfofisiológicas e/ou funcionais), havia se tornado uma 'enfermidade', entendida em seu sentido etimológico que remete a encerrar, aprisionar (em francês: fermer, fechar), o que se relaciona com as primeiras medidas de controle de doenças infectocontagiosas por meio do isolamento. (Cardoso; Silva; Antunes, 2020, p. 1107).

Nesses espaços, os chamados manicômios, os pacientes eram anulados por meio de confinamentos, métodos disciplinares coercitivos, uso excessivo de medicação, entre outras violações dos direitos humanos. Este tratamento desumano, não raro, vinha acompanhado de violências diversas, tais como maus tratos, torturas, estupros, mortes não esclarecidas, que só vieram a ser denunciadas em meados de 1970, no processo de democratização (Cardoso; Silva; Antunes, 2020, p. 1107).

Além de Maria Verônica da Pas, outras mulheres negras também lutaram pela humanização do tratamento psiquiátrico. Entre elas, tem destaque a socióloga e psicanalista Virgínia Leone Bicudo e a médica psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Souza¹. Suas trajetórias profissionais possuem pontos de confluência e não

¹ Para saber mais sobre essas trajetórias: GOMES, Janaína Damasceno. Os Segredos de Virgínia: estudo de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955). Tese de Doutorado em Antropologia. PPGAS:

é mera coincidência vermos três mulheres negras comprometidas com a humanização de pacientes com doenças mentais, deslocando-os da condição de temas de estudos para sujeitos com subjetividades e especificidades existenciais. O projeto colonial desumaniza o povo negro e indígena há mais de 500 anos e as ferramentas de desumanização só se aprimoram com o passar do tempo.

Uma abordagem da saúde mental que estabelece relações com raças, classes, gêneros, sexualidades e todas as outras especificidades da sociedade, retiram a condição de animalização que é imposta à pessoa adoecida. A trajetória desta profissional negra, Maria Verônica da Pas, que combateu procedimentos desumanos, é um ato transgressor, uma ação contra-colonial, pois apostou na humanização da pessoa.

USP, 2013. ; PENNA, William Pereira. Escrivências das memórias de Neusa Santos Souza: apagamentos e lembranças negras nas práticas psis. Dissertação de Mestrado em Psicologia. UFF: Niterói, 2019.



Foto nº 3: Verônica com 13 anos em sua formatura do ensino fundamental na escola municipal Cerqueira Lima em Jardim América-Vila Velha. (Acervo pessoal da família de Verônica)

CAPÍTULO 2 - MILITÂNCIA E ATUAÇÃO POLÍTICA DE VERÔNICA

O objetivo deste capítulo dois é analisar a militância política e atuação profissional e intelectual de Verônica na organização do Seminário Internacional da Escravidão na Universidade Federal do Espírito Santo, bem como sua inserção no campo da produção audiovisual e no movimento de mulheres negras, onde ela demonstrou suas habilidades de liderança e capacidade de produção intelectual.

2.1- SEMINÁRIO INTERNACIONAL DA ESCRAVIDÃO

Além de uma carreira médica bem sucedida, Verônica teve uma grande evidência na militância, pois atuou como Secretária de Cultura Universitária e Coordenadora do Projeto Cultural Afro-Brasileiro da Sub-Reitoria Comunitária da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), na década de 1980, a convite do médico, professor e cineclubista capixaba Antônio Claudino de Jesus, que nesta época ocupava o cargo de Sub-Reitor Comunitário para assuntos de cultura, esportes, lazer, meio ambiente, relação com a sociedade e assistência à comunidade universitária.

E nesse posto de destaque ela realizou alguns trabalhos memoráveis: foi presidente da Comissão do Centenário da Lei Áurea, onde coordenou o Seminário Internacional da Escravidão nos dias 15, 16 e 17 de junho de 1988, que contou com a participação de artistas e professores brasileiros e de outros países.

Nessa época, muitos movimentos negros do país organizaram eventos para refletir essa data, e a população estava ávida exigindo seus direitos cidadãos na promulgação das leis da Constituição Federal Brasileira de 1988, que foi oficialmente concluída no dia 5 de outubro de 1988. O objetivo do evento foi discutir a escravidão nas perspectivas das Antilhas, África, Andes e Brasil, promovendo análises com amplas e diversas perspectivas sobre a abolição da escravidão no Brasil, bem como as condições reais e os modos de sobrevivência do povo negro na África e suas comunidades diáspóricas. Neste trecho, Verônica salienta que

Toda reflexão acerca do centenário da abolição da escravatura no Brasil, suscitou grande movimentação que envolveu a sociedade capixaba, resultando na efetivação de vários trabalhos. Possibilitou o emegir de vários saberes, além de proporcionar através dos múltiplos agenciamentos, o devir negro que por definição é vir a ser, tornar-se, isso sem escapar o Devir cidadão. (Pas, 1992, p. 1).

Como registro do evento, foi escrito e publicado um livro “Seminário internacional da escravidão: aspectos históricos, políticos, econômicos e culturais”, coordenado por Maria Verônica da Pas. No livro foram elencadas fotografias e artigos de intelectuais que apresentaram trabalhos e palestraram no congresso, o material foi publicado pela editora da extinta Fundação Ceciliano Abel de Almeida², com sua 1ª edição em 1992.

Esse livro pode ser encontrado na Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo. Segue um trecho da apresentação do Seminário pelas palavras de Verônica da Pas, coordenadora do evento:

O seminário internacional da escravidão, realizado em vitória no período de 15 a 17 de junho de 1988, ano em que se comemorou o Centenário da Lei Áurea, teve como patrocinador o CNPq e o Departamento de História da USP. A partir da realização do seminário internacional da escravidão no Estado de São Paulo, as demais universidades brasileiras, dependendo de seu empenho e capacidade de realização, também tiveram oportunidade de visibilizar o Seminário que também contou com a presença de conferencistas de todo o mundo. As universidades da Bahia, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Universidade Estadual de Maringá, no Paraná, através do Departamento de Ciências Sociais, e a Ufes, através do Departamento de História e da Sub-Reitoria Comunitária, lograram êxito na realização. (Pas, 1992. p. 4).

Como Verônica bem elucidou na apresentação do livro, esse congresso foi articulado com outras instituições, e o Seminário realizado em São Paulo, que Verônica esteve presente, com certeza facilitou sua articulação e trocas de ideias com muitos intelectuais negros, principalmente do Movimento Negro Unificado (MNU), fundado em São Paulo no ano de 1978, em plena ditadura militar no país.

A participação do Departamento de História na realização do Seminário Internacional da Escravidão, foi possível a partir de um grande professor adjunto deste departamento, o saudoso historiador Cleber Maciel³ que apresentou um

² A Fundação foi criada em 1977 era uma instituição de ensino, pesquisa, extensão e desenvolvimento tecnológico com o objetivo de incentivar as atividades na universidade federal do espírito santo. Esse nome é em homenagem ao seu primeiro Reitor, o professor de matemática, engenheiro e ex-prefeito de Vitória por 2 mandatos, Ceciliano Abel de Almeida.

³ Negros no Espírito Santo - 2º edição, organizado pelo antropólogo Osvaldo Martins.

trabalho com o seguinte título: “388 anos de escravidão. 293 anos da morte de Zumbi. 100 anos da Lei Áurea. 488 anos de intolerância”. Em seu texto, ele nos alerta que em torno dessa data, a assinatura da Lei Áurea, não se pode apagar toda consciência de que a liberdade foi possível através das lutas dos africanos desde os navios negreiros, desde a fuga e construção dos Quilombos e formação de movimentos como a Frente Negra Brasileira. E destacou que em todo o país, este momento tem que ser mais espaço de reflexão sobre o que foi a escravidão africana e sobre a condição de violência sofrida pelos afro-brasileiros após a assinatura da Lei Áurea.

Cleber está intimamente alinhado com as ideias de Verônica em relação à proposta de realização desse evento. O professor reforça a importância de pensar o território espírito-santense e oportunizar as discussões sobre questões históricas sociais e políticas, no sentido de resgatar a contribuição dos afro-capixabas na luta contra o racismo.

Por tudo isso, logo fica muito mais fácil fazer com que, por exemplo, os quilombos erguidos na terra capixaba passem do anonimato histórico para os discursos dos agentes da história atual. Assim é que a insurreição dos Escravos do Queimado assume sua real dimensão frente aos fatos da história local. Assim é que pelo resgate das trajetórias históricas da Cabula, ou do Candomblé, ou da Umbanda, fica-se sabendo a verdade sobre parte das discriminações, perseguições e mutilações sofridas pelos negros, frente a intolerância do domínio religioso branco católico. Assim é que o Jongo, o Congo, o Ticumbi, o Caxambu, a Dança das Fitas, a Capoeira, entre tantas outras, são expressões e manifestações vivas da africanidade e negritude, não só explicitada nas cores das peles dos indivíduos, mas também nas memórias multicoloridas dos grupos, não deixando apagarem-se, por mais que os racistas tentem, esses marcantes e profundos traços da contribuição dos negros. (Maciel, 1992, p. 104).

A participação dos grupos para além dos muros da universidade foi muito importante no enriquecimento e fortalecimento intelectual desse Seminário, grupos de terreiro, grupos de capoeira local e da Bahia, rodas de capoeira e o Grupo Kizomba Odara de Salvador/BA se apresentaram com canto e dança. Um dos exemplos de artista negro capixaba a se apresentar foi o dançarino e mestre de congo Renato Santos, que seria um dos fundadores da futura Companhia Capixaba de Dança Afro Negraô, que nasceu dos estudantes negros da UFES no ano de 1991 e que existe ainda hoje formando dançarinos qualificados. Foi realizada também um solo de dança do artista Paulo Fernandes cuja performance foi intitulada “Gênese”. Dentre outras apresentações culturais que foram realizadas

numa inesquecível abertura do evento no local da Reitoria da Ufes, tiveram o intuito de refletir sobre as subjetividades da existência negra. No texto de apresentação do livro sobre o Seminário Internacional da Escravidão, Verônica explica a importância de se ter uma multiplicidade de linguagens na reflexão sobre as particularidades das negritudes:

A Universidade Federal do Espírito Santo partia do pressuposto básico de trabalhar com a multiplicidade de ideias. De desenvolver um trabalho onde o Movimento Negro, movimento cultural e demais instituições estivessem integrados, ao mesmo tempo observando singularidade, a particularidade, a diversidade dos mesmos. A Sub-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação contribuiu eficazmente para a realização deste seminário. (Pas, 1992. p. 4).

Verônica tinha muita experiência e habilidade no trato burocrático, 10 anos antes de realizar esta articulação das Universidades Federais para realizar este evento, foi diretora do Hospital Psiquiátrico de Linhares, interior do estado, e após a sabotagem dos médicos e políticos brancos em sua gestão, ela atuou como delegada sindical dos médicos. Em sua trajetória, cargos como coordenadora e proponente de projetos fez parte da personalidade corajosa, perspicaz e a frente de seu tempo. Quem conviveu com Verônica relata os mesmos adjetivos sobre sua personalidade: determinada e vanguarda.

Ainda hoje no Brasil, em pleno 2023, a presença de mulheres em cargos de destaque, cargos de decisão são bem poucos, e as mulheres que estão nestes lugares resistem bravamente para cumprir seu propósito. Na história do país, Verônica faz parte do grupo de mulheres negras que, estrategicamente, rompeu barreiras racistas e pela sua excelência, determinação e aproveitamento de oportunidades, negociou de modo estratégico com os brancos para ocupar lugares políticos e contribuir para o crescimento e construção de melhores condições de vida para seu povo.

Através da sua atuação na universidade, foi criada uma Comissão do Centenário da Lei Áurea formada por várias entidades culturais, religiosas e movimentos comunitários. Essa comissão era composta por projetos culturais e políticos, operacionalizado dentro e fora da universidade, efetivando-se assim a inserção concreta da comunidade não universitária no seio UFES. Esse direcionamento de um Estado Integral faz parte de seus discursos, principalmente

quando iniciou a sua luta pela fundação do Museu Capixaba do Negro (desde 1993), defendendo que é um dever das instituições públicas o cumprimento de ações políticas para com sua população. Ela ressalta em seu texto que esse projeto possibilitou a Sub-Reitoria Comunitária a cumprir o seu papel, que deve ser trabalhar com a comunidade externa, ou seja trabalhar com toda a sociedade civil organizada, garantindo assim a sua cidadania.

No tocante às relações interinstitucionais, houve uma perfeita interação Universidade/Governo do Estado, através do DEC (Departamento Estadual de Cultura), Universidade/Prefeituras Municipais, através de suas secretarias. Propiciou o intercâmbio com várias universidades brasileiras, também com universidades de outros países como França, Peru, EUA, Nigéria e Argentina. (Pas, 1992, p. 1).

Verônica afirma o seu desejo com todo esse trabalho, realizado em torno dessa data tão importante para a população negra, que é o exercício da cidadania, o desejo explícito de se reconhecer negro e parte da história estruturante desse país, não mais como escravizado, mas como um ser de direitos políticos garantidos.

Nesta função, ela também participou, juntamente com outras entidades dos movimentos negros e sociais, da delegação que organizou a vinda ao Espírito Santo em agosto de 1991, sob a recepção do ex-governador Albuíno Azeredo, o ex-presidente da África do Sul Nelson Mandela, importante personalidade na luta pela libertação africana. Conhecido mundialmente pela luta contra o apartheid no seu país, e como um líder com ideais pacifista chegou a ganhar o prêmio Nobel da Paz em 1993.



Foto nº 4: O ex-presidente da África do Sul Nelson Mandela em sua visita a Vitória. ao seu lado a direita está o ex-governador do Espírito Santo Albuíno Azeredo. (Acervo A Gazeta 1991).

2.2 - VERÔNICA NO AUDIOVISUAL

Ainda como Coordenadora do Projeto Cultural Afro-Brasileiro da Sub-Reitoria Comunitária da UFES, Verônica se enveredou para o universo do audiovisual e produziu e roteirizou dois curtas metragem no início da década de 1990 que foram apresentados no Primeiro Encontro de Cultura Afro Americana, os documentários “Insurreição de Queimados” e “O Papel Histórico da Mulher Negra”. O primeiro documentário audiovisual retrata a revolta dos negros escravizados ocorrida no Espírito Santo, na freguesia de São José de Queimados, no município de Serra em 19 de março de 1849⁴. O documentário é apresentado a partir de entrevista ao saudoso professor do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, Cleber Maciel, que tem uma grande importância nos estudos acerca da herança cultural afro-capixaba, principalmente suas práticas religiosas. Também sob a direção do cineasta capixaba Cloves Mendes, Verônica roteirizou sua segunda produção audiovisual: “O Papel Histórico da Mulher Negra” lançado em 1991, ela publicou um catálogo do filme pela editora da extinta Fundação Abel

⁴ Para saber mais sobre a Insurreição de Queimados, ver: Oliveira (2019), Maciel (1994), Cardoso (2020; 2008)

Ceciliano de Almeida, e seus exemplares estão disponíveis na Biblioteca Central da Ufes.

O objetivo dessa segunda produção foi evidenciar de modo didático e educativo as resistências, a organização política das mulheres negras do estado do Espírito Santo e o seu avanço abordando desde a participação das escravizadas Maria e Mariana no contexto histórico escravista do ano 1840, na cidade de São Mateus. Retrata também falas de mulheres contemporâneas importantes para o avanço político da população negra capixaba até o início da década de 90, entre elas, pode-se destacar: 1ª) a quilombola Benedita Francisca da Silva, de 115 anos no momento da gravação e lançamento do filme; 2ª) a presidente da Associação de Lavadeiras e Empregadas Doméstica (Aled) de São Mateus, Cornélia da Conceição Alexandre; 3ª) a professora universitária e PHD em enfermagem, Valmira dos Santos; 4ª) a atriz, diretora de teatro e Secretária Municipal de Cultura de Vitória, Vera Viana; 5ª) a poeta e pesquisadora e importante figura na fundação da Casa do Cidadão de Vitória, Mirian Cardoso; 6ª) a professora universitária e naquela época Secretária Municipal de Educação da cidade de Cariacica-ES, Nelma Monteiro. Além de entrevistar essas mulheres negras da maior importância, o documentário intercala com imagens de manifestação cultural tradicional de São Mateus e Conceição da Barra, como a folia de Reis-de-Boi e o Baile de Congos de São Benedito de Conceição da Barra, popularmente conhecido como Ticumbi. O filme repercutiu na sociedade e ganhou destaque nas páginas de jornais.

Interessante que no roteiro do filme sobre as mulheres negras, Verônica faz uma ligação entre as mulheres quilombolas da cidade de São Mateus, que tem a maior concentração de pessoas negras do estado, e suas contemporâneas na capital Vitória. Muitas famílias vieram dos quilombos dessa cidade para os bairros periféricos da capital, principalmente para o Morro São Benedito e outros bairros que compõem o Território do Bem, quilombos urbanos situados nos morros da Ilha de Vitória. Os municípios de São Mateus e Conceição da Barra, terra em que Zacimba Gaba, a princesa angolana de Cabinda, resistiu bravamente contra a colonização, assassinou o senhor de engenho José Trancoso, libertou muitos africanos escravizados, alguns ainda em alto mar, e formou um Quilombo que durou cerca de 10 anos na região em que hoje é conhecida como Itaúnas, uma vila turística do Espírito Santo e essa grande referência de força feminina para a

população negra capixaba teve sua importância política e simbólica silenciada pela historiografia oficial.⁵

2.3 - MILITÂNCIA NO MOVIMENTO DE MULHERES, ATUAÇÃO PROFISSIONAL E PRODUÇÃO INTELECTUAL

Dedicada às questões de gênero, Maria Verônica da Pas foi uma importante ativista do Movimento de Mulheres no Espírito Santo. Em 1985, foi realizado o Primeiro Encontro de Mulheres da Grande Vitória, sediado no Colégio Maria Ortiz. Verônica idealizou o evento e dividiu a organização com as professoras Nelma Monteiro e Graça Andreatta. Sob o tema “Saúde em primeiro lugar”, várias mulheres contribuíram com seus saberes da área médica num diálogo direcionado para as moradoras das regiões periféricas da Grande Vitória. Na reportagem do Jornal A Gazeta de 7 de outubro de 1985, a professora Nelma Monteiro, importante personalidade na formação do Movimento Negro Capixaba pontua: “Todas as vezes que na periferia, as mulheres se reúnem para reivindicar água, esgoto e outras solicitações relacionadas à infra-estrutura básica, é de saúde que elas estão falando” (A Gazeta, 07/10/1985).

A intenção desse encontro foi que possibilitasse a continuidade e articulação dos grupos com mais diálogos sobre educação e violência do ponto de vista das mulheres, são discussões para uma construção e garantias de direitos políticos. No ano anterior a esse encontro, iniciou-se de caráter oficial, partindo dos órgãos públicos, uma movimentação organizada pelo Centro Integrado da Mulher para que fosse criado o Conselho Estadual da Mulher Capixaba (Cemca), mas sua criação só foi efetivada em 1987 pelo então Governador Max Freitas Mauro (1987-1990). Ciente do histórico violento de como a política brasileira executa suas leis firmadas em ideais racistas e conseqüentemente machista, as mulheres membras do Grupo de Mulheres de Vitória, e representantes de outros bairros da Região Metropolitana iniciaram as articulações, principalmente com mulheres na periferia, como a reportagem exemplificou a existência de 9 grupos com trabalhos semelhantes a esse primeiro encontro organizado no bairro Carapina na Serra-ES e que

⁵ Para saber mais sobre Zacimba Gaba como uma liderança do passado e uma personagem da memória quilombola do Sapê do Norte, ver Oliveira (2023) e Aguiar (2005).

posteriormente seria realizado um encontro no local. Como afirmou a psicóloga e psicanalista Sonia Rodrigues (na época com 29 anos de idade) ao jornal A Gazeta sobre este momento: “Se não somos convidadas a participar das discussões em caráter oficial, passaremos agora a nos convidar” (A Gazeta, 07/10/1985).

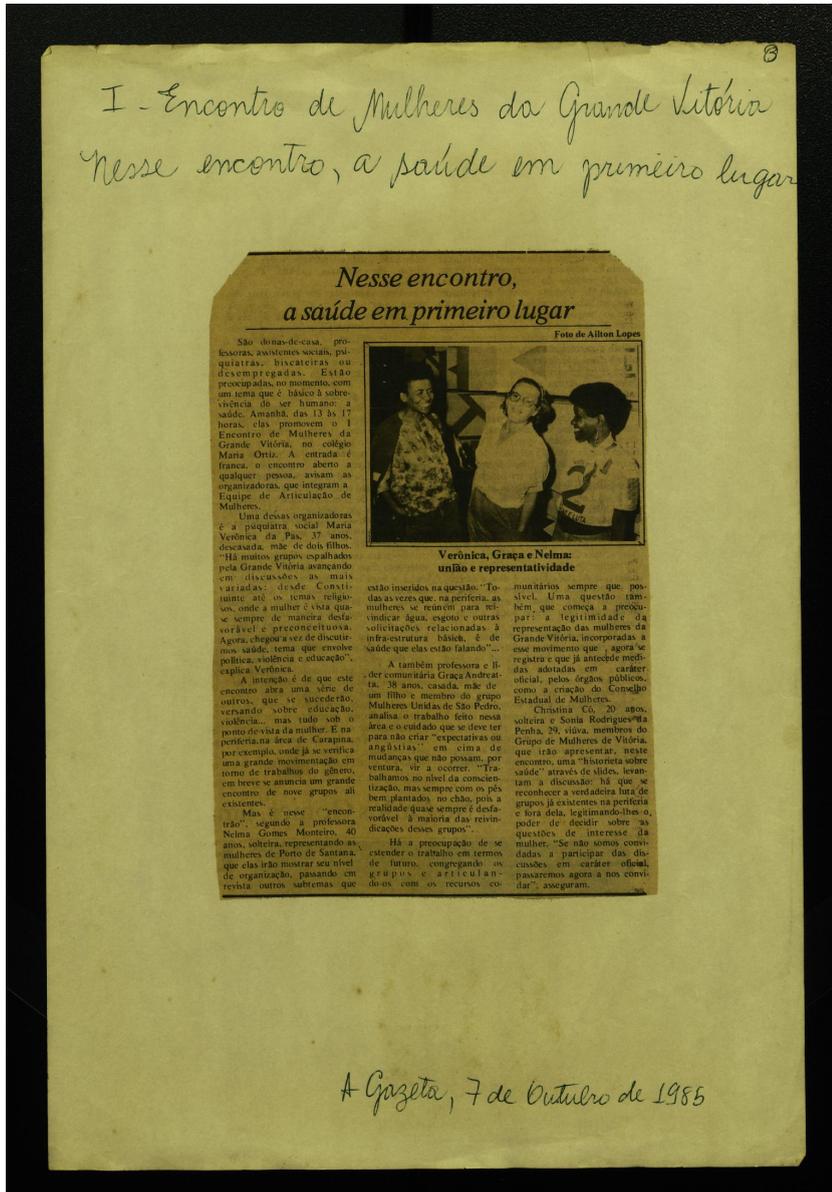


Foto nº 5: Reportagem sobre o Primeiro Encontro de Mulheres da Grande Vitória com o tema “saúde em 1º lugar”. Jornal A Gazeta, 07/10/1985 (Acervo pessoal da família de Verônica)

Então, havia a preocupação dessas mulheres com a legitimidade na representação feminina na execução desse projeto, nessa reportagem do jornal A Gazeta em que anuncia o evento, Verônica é citada dessa maneira: “Uma dessas organizadoras é a psiquiatra social Maria Verônica da Pas, 37 anos, descasada, mãe de dois filhos.” Em que deu o seguinte depoimento:

“Há muitos grupos espalhados pela Grande Vitória avançando em discussões as mais variadas: Desde constituinte até os temas religiosos, onde a mulher é vista quase sempre de maneira desfavorável e preconceituosa. Agora chegou a vez de discutirmos saúde, tema que envolve política, violência e educação”. (A Gazeta, 1985).

Verônica escreveu um artigo intitulado “A mulher como pessoa” para um evento em que se expressou dessa maneira: “Primeiro encontro da mulher capixaba” e o ano é 1985, na reportagem de A Gazeta, está escrito “primeiro encontro de mulheres da Grande Vitória”, mas se trata do mesmo evento.

Pelo contexto do artigo, parece ser escrito para a abertura dos diálogos, um texto introdutório e didático sobre os debates de gênero, e afirma que ao falar da questão da mulher é necessário inseri-la dentro do grupo familiar. Então, se baseando nas teorias do psiquiatra austríaco Sigmund Freud em seu livro Totem e Tabu, ela tece sobre a origem da organização da família, as relações monogâmicas, o papel dos homens e das mulheres nesse contexto histórico, e contextualiza a origem do matriarcado.

Além de utilizar referências como o antropólogo suíço Johann Jakob Bachofen e o psiquiatra austríaco Sigmund Freud para apresentar os primeiros diálogos sobre a organização familiar e o papel da mulher na sociedade ao longo da história oficial de um modelo eurocêntrico de humanidade, ela também atualiza o debate e se referencia em teóricas feministas como Danda Prado, Moema Viezzer e Simone de Beauvoir para refletir sobre a presença das mulheres no mercado de trabalho e seus desafios, e também as consequências do cerceamento dos desejos sexuais, tanto no casamento como fora dele, inclusive problematiza que há um modelo socioeconômico que marginaliza algumas mulheres e que determina a proliferação da prostituição e de maneira ousada em pleno 1985, ela propõe uma organização políticas das mulheres nessa categoria de trabalho:

E a nossa sociedade repudia, marginaliza a prostituta, como se ela não fosse um produto desta mesma sociedade. As prostitutas são também mulheres que estão desempenhando este miserável papel social. É preciso que também as prostitutas se organizem, que se façam representar enquanto categoria, e que a sociedade use de falsa moralidade e possa entender que, antes de mais nada, a prostituta é mulher. (Pas,1985, p6)

Para dissertar o assunto ela usa referências eurocêntricas, atualmente com os avanços da tecnologia digital e o recurso da internet, obtemos mais acessos a outros referenciais filosóficos sobre gênero e família, e mesmo assim a luta epistemológica nos espaços acadêmicos e de militância é árdua, continuamos a travar batalhas contra o eurocentrismo, em defesa do pluralismo de ideias partindo da ótica africana e indígena nos espaços de produção intelectual.

Esse texto nos dá muitas camadas de reflexão sobre sua trajetória, ao falar de mulheres num contexto mundial, desde exemplificar as relações de trabalho das mulheres nos armazéns de tabaco nas Ilhas Dominicanas e Caribe até falar do trabalho de prostituição que algumas mulheres se vêem obrigadas a executar devido a condição de marginalização social que são colocadas pelo Estado. Na primeira página do artigo, Verônica se coloca em primeira pessoa, fazendo jus ao título do texto:

Eu, Maria, como muitas. Nascida de família pobre, pai mestiço, filho de senhor de engenho com escrava vinda da região de Equeto. Mãe, filha de índios Puris, que povoaram as margens do Rio Piracicaba e Rio Doce. Eu nascida, Verônica da Paz, natural de Minas Gerais. Pai alfabetizado pelo Mobral há seis anos passados, exatamente três anos após a minha graduação como médica. Eu, segunda filha do casal que criou 8 dos 11 filhos que tiveram. Alfabetizada em colégio religioso de origem francesa, **onde apenas eu era “estrangeira”.** **Todos nós repetíamos o francês sem saber o que repetíamos. Única negra e de origem humilde. Conheci desde então a marginalidade, tendo começado aí a minha luta para diminuir a diferença em que eu era colocada.** (Pas,1985, p1)

Nesse trecho, Verônica nos ambienta na sua cidade natal, Itabira-MG, na qual desabafa:

Itabira, cidade de ferro, do Cauê e da Conceição ruas calçadas de pedra de ferro, o mesmo ferro que parecia formar o coração daquelas pessoas com as quais convivi. Cidade fria e montanhosa, onde subir muitas e muitas colinas para chegar ao colégio fazia aquecer o frio, pois era pouco o agasalho. Ao chegar ao colégio, a primeira aula depois da missa era de língua pátria e, com certeza, ditado, quando na verdade não conseguíamos nem fechar as mãos para segurar o lápis. E foi assim que num dia 19 de julho, viemos para Vitória. Hoje, 23 anos depois, considero-me Encapixabizada, ou seja, adotada sem nenhuma diferença dos filhos da terra. (Pas,1985, p.1).

Verônica vem de um contexto da área médica, no ramo da psiquiatria, atualmente essa profissão é majoritariamente composta por pessoas brancas, o acesso de pessoas negras no curso de medicina é muito dificultado. Ela iniciou o curso em 1970 na Faculdade Santa Casa de Misericórdia (Emescam) e 5 anos depois, só vemos uma pessoa negra na foto de formandos de sua turma, que é a jovem sonhadora e determinada Maria Verônica da Pas.



Foto nº 6: Verônica da Pas em seu juramento de formatura em medicina na Faculdade Santa Casa de Misericórdia (Emescam), turma de 1974. (Acervo pessoal da família de Verônica).

As faculdades particulares cobram uma alta mensalidade e as universidades federais por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) exigem notas muito altas sobre conhecimentos do ensino médio, por meio do Enem e os vestibulares que a escola públicas não recebem o suporte necessário para esse preparo. Observando o cotidiano nos hospitais é possível perceber no quadro de médicos que há poucos

ou nenhuma pessoa negra nessa profissão, pois é um ambiente arquitetado para exercerem a manutenção de seus privilégios, a considerada elite brasileira, em território invadido é um fato. Quando uma pessoa negra rompe as barreiras e transita nesses lugares, a solidão é um fato.

A formação em medicina é um fato a ser registrado, uma vez que esta não constitui uma das profissões reservadas “tradicionalmente” para os filhos de trabalhadores negros, que “naturalmente” estão destinados aos trabalhos subalternos, considerados hierarquicamente inferiores (Beato, 2006, p. 49).

Infelizmente, não temos informações sobre o número de médicos negros formados na década de 1970, mas uma pesquisa realizada pela Universidade de São Paulo (Usp), intitulada Demografia Médica no Brasil, aponta que nessa época apenas 15,8% dos recém-formados eram mulheres (Scheffer; Cassenote; Guilloux, 2018, p. 38) .

Outro dado interessante desta pesquisa mostra que em 2017, treze anos após a adoção de políticas de cotas raciais pelas universidades brasileiras, dos 4.601 médicos e médicas recém-formados, entrevistados para o estudo, apenas 1,8 % se declararam pretos e 16,2% pardos. Além disso, 85,6% descreveu sua situação no final do curso de medicina como alguém que ainda não trabalha e é “financiado pela família” (Scheffer; Cassenote; Guilloux, 2018, p. 65).

Diante destes dados, não é forçado supor que em 1974, a presença de homens negros e, em especial, de mulheres negras nas escolas de medicina no país era minoritária. Foi, portanto, em um universo branco, masculino e elitizado que Maria Verônica da Pas realizou seus estudos e desenvolveu o seu trabalho.

É interessante observar e analisar um trecho de seu artigo: *“Hoje, 23 anos depois, considero-me Encapixabizada, ou seja, adotada sem nenhuma diferença dos filhos da terra”*. Verônica afirma que só se sente parte do Espírito Santo, 23 anos depois. Talvez se sinta mais confortável em afirmar isso na sua trajetória, pelo contexto político do Brasil de 1985, momento de abertura político-democrática em que grupos diversos de pessoas se reuniram e organizaram ações e diálogos em prol de um futuro mais digno, justo e cidadão, então é um período que possibilita Verônica a reunir variados temas ao lado de pessoas que compartilham dos

mesmos ideias, principalmente a intelectualidade negra capixaba nessa época em efervescência.

Verônica disserta sobre as muitas marginalidades em que as mulheres são colocadas, e se coloca novamente no texto. Relatando a marginalização das mulheres desquitadas, narra a sua coragem de romper seu casamento e cuidar de seus dois filhos:

Ocorre neste momento uma separação do objeto de amor numa visão mais profunda. A separação, enfim, opera como um parto que, segundo Lacan, separar é, literalmente, se-pa-ri-ri. Separada então, nascida. E com tal, começando uma nova experiência e também uma situação de crescimento e maturidade, do ponto de vista psicanalítico. Mas do ponto de vista social, este momento novo poderá conferir à mulher uma certa marginalidade. É notório o estado de ameaça que esta nova situação provoca na população matrimonial. (Pas, 1985, p.1).

Ela problematiza essa situação da mulher como uma consequência da formação cristã e machista que sedimentou esses lugares de violência para as mulheres na sociedade. Para o homem, se for desquitado é uma ameaça às “mães de família”, e para as mulheres, também é uma ameaça, pois há o pensamento de que a presença de mulheres descasadas estão em oferta no mercado afetivo. Verônica transitava em espaços da classe média capixaba, e como classe indica raça, então grande parte de suas relações sociais se dava com pessoas brancas pelo meio profissional elitista que é a medicina. No Brasil, a imagem da mulher negra foi projetada pelos brancos como sempre disponível ao sexo, consentido ou não, então essa ameaça às ditas famílias tradicionais que Verônica descreve por ser uma mulher desquitada, não está dissociada dessa imagem ameaçadora por conta de sua origem africana, e Verônica ameaçava não somente por ser uma mulher desquitada na década de 1980, mas também por ser uma mulher negra e excelente médica psiquiatra.

No final do artigo, Verônica nos orienta que dos variados papéis que as mulheres podem representar enquanto pessoa, é necessário mirarmos em exemplos de mulheres reais e revolucionárias.

Não há necessidade de mirarmos no exemplo das mulheres de Atenas, como recomenda Chico Buarque. Podemos fazê-lo entretanto, seguindo o exemplo de Domitília de Barros Chungaras, de Dolores - La Pasionaria, Clementina de Jesus e muitas outras Marias que ora represento. (Pas, 1985, p. 1).

E Verônica mirou, pois também esteve nas ruas para lutar pelos direitos da mulher, inclusive, no período da ditadura militar. Eduardo Felipe Scardua, filho de Verônica, em entrevista concedida em 2011 para a dissertação da cientista social Fernanda de Castro Barbosa, cujo título é “Memórias e identidades no Espírito Santo: Um estudo a partir do Museu Capixaba do Negro”, explicou que sua mãe tinha grande interesse pelas questões das mulheres, seu papel na sociedade e sua força.

Sobre a importância de Verônica, a sua estética elegante e vanguarda inspirou e serviu de referência para muitas mulheres negras capixabas. A professora e cineasta Edileuza de Souza, lembra que ela foi uma das primeiras mulheres desse ciclo social a usar *black power* e *dreadlocks*.

Ela foi pioneira na estética negra capixaba, usou *Black Power*, *DreadLocks*, usou muitos cortes de cabelos, todos esses valorizando sua estética e beleza. Ela rompeu com preconceitos de gênero e racial. A sua estética gritava pelo respeito às diferenças, seu envolvimento e sua sensibilidade possibilitaram transformações e encantamento. Seu contato com a militância para além das fronteiras do Brasil trouxe a consciência e a necessidade para se pensar a diversidade étnico-racial de forma livre dos padrões esteticamente impostos. (Souza, 2018)

Eduardo Felipe Scardua lembra que, ainda criança, acompanhou a mãe em um ato marcado por pautas feministas:

Eu lembro de uma passeata da mulher, eu até tinha algumas fotos de jornais, que foi na Praça Oito. Eu lembro que eu fui com mamãe. Eu era pequeno, é uma imagem que eu tenho na Praça Oito, e a polícia reprimiu em pancadaria. Eu nem lembro que época (...). Eu posso até chutar como início de 80. Mas eu lembro que eles jogaram gás lacrimogênio, a gente chorava. (Scardua, 2011)

No dia 1º de setembro de 1987, ocorreu a Fundação do primeiro grupo de mulheres negras do Espírito Santo e Verônica fez parte dessa criação. Era um momento de ampla mobilização no Brasil por ocasião das comemorações do centenário da Lei Áurea. Este grupo enfrentou “a fúria das organizações de mulheres e de negros cujo discurso era que as mulheres negras queriam dividir o movimento” (Bispo; Souza, 2006, p. 76).

Edileuza de Souza, ativista do movimento negro e de mulheres no Espírito Santo, se recorda da relação de Maria Verônica da Pas com o grupo:

Naquele momento aqui na Grande Vitória, muitas mulheres trocavam votos pela esterilização. Ligadura de trompas. Então, ela já fazia um trabalho em Santa Rita [bairro de Vila Velha] quando se dá a ligação dela com esse grupo que a gente chamava de Grupo de Mulheres Negras do Espírito Santo. Ela trazia a questão da saúde. A gente achava que ia mudar o mundo. (Souza, 2011).

A criação do grupo está ligada à forma subordinada como as subjetividades de mulheres negras eram tratadas tanto pelos movimentos feministas, quanto pelos homens do movimento negro. Isso foi determinante para a criação de um movimento em que as questões das mulheres negras se constituíam como uma plataforma específica. Entre as principais ações realizadas pelo grupo, tem destaque as atividades referentes ao Centenário da Lei Áurea, em 1988, ocorridos na praça Costa Pereira, como a realização de discursos e entrega de panfletos que denunciavam a “farsa” da abolição da escravatura, bem como a organização de palestras e debates em bairros da Grande Vitória e municípios do Norte e Sul do Estado. Nesses eventos eram discutidas questões relativas à saúde, educação, racismo, discriminação, esterilização em massa, sexualidade, entre outros. O grupo também organizou o 1º Encontro Estadual da Mulher Negra no ES. (Bispo; Souza, 2006, p. 76).

Ainda nessa perspectiva de ensinar as mulheres sobre os cuidados com o corpo, Verônica também fez parte da coordenação do Projeto Educar Para Saúde Oral realizado pela Prefeitura Municipal de Vitória juntamente com a Secretaria de Saúde, e ministrou cursos de saúde oral e educação sexual, a comunidade dos bairros Maria Ortiz, São Pedro e Santo Antônio. As regiões periféricas do país, até o momento em que produzo essa monografia, não têm acesso a equipamentos e tratamentos de saúde com qualidade e rapidez. Era muito comum as mulheres se submeterem a procedimentos como ligadura de trompas em troca de voto aos políticos que se propunham agilizar os atendimentos, a violência obstétrica é uma realidade até hoje para mulheres negras e Doutora Verônica da Pas foi uma figura importante contra essas práticas duvidosas de políticos aproveitadores e que colocavam em risco a saúde e o destino de muitas famílias, principalmente famílias negras e de periferias.

Pela sua relevância e profissionalismo na área da medicina, Doutora Verônica foi convidada muitas vezes a dar entrevista em programas de televisão,

principalmente a TV Educativa, onde era muito conhecida pela equipe de redação. Seus ensinamentos à sociedade capixaba sobre saúde sexual e direitos da saúde feminina, principalmente o tão polêmico assunto, até hoje em 2023, que é a descriminalização do aborto. Todo esse seu envolvimento com a saúde das mulheres capixabas despertou o interesse em aprofundar ainda mais seus trabalhos direcionados a esse feito e rendeu a elaboração de um trabalho acadêmico, apresentado na pós-graduação realizada na Universidade Federal do Espírito Santo, entre os anos de 1989 e 1990. No trabalho intitulado “Participação social e a construção da subjetividade, a compreensão do grupo 1° de Maio como grupo sujeito”, Verônica refletiu sobre o processo de conscientização das mulheres dos bairros Santa Rita e 1° de Maio, do município de Vila Velha/ES, a respeito de saúde oral, saúde mental e família, sexualidades, aborto, ligadura de trompas e outros métodos contraceptivos.

Verônica aborda em sua monografia de pós-graduação, o histórico de ações do grupo de mulheres de Vila Velha, analisando, numa perspectiva marxista, o movimento social urbano, as ações realizadas do grupo de mulheres especificamente nos bairros Santa Rita e 1° de maio. Verônica observa que a presença das igrejas católicas nas organizações da sociedade civil, a partir das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) é notada no Brasil a partir de 1960, com o golpe militar de 1964, estabelece uma preocupação com as camadas mais pobres da sociedade. Nesse contexto, ações vão se fortalecendo e criando vínculos de apoio com os movimentos sociais. Ações como as Comunidades Eclesiais de Base realizadas nesses bairros, com atendimento médico às crianças no combate a desnutrição, por meio da Pastoral da Criança, favorece muito o envolvimento de mulheres em movimentos sociais em prol de melhoria dos seus bairros, mulheres da Igreja Assembléia de Deus também se uniram e em parceria com as escolas exigia melhorias no saneamento básico. Verônica analisou que o processo de desalienação dessas mulheres se deu com essa união, essa coletividade e sua exigência principal nessa época foi a construção de creches nos bairros, que com muito custo foi atendida, sendo construída 6 creches nos bairros adjacentes.

Com a iminência dos movimentos pelas garantias dos direitos sociais e dos trabalhadores na Constituinte, as mulheres se organizaram desde 1984 em

atividades coletivas em vários lugares da Grande Vitória e a participação de Verônica nas comunidades de Santa Rita e 1° de Maio nessa época se deu a partir de sua participação na fundação do Grupo de Mulheres Capixabas e com a recomendação de ampliar a discussão realizada no dia 13 de março de 1986, no Primeiro Encontro Estadual da Mulher Capixaba Pela Constituinte. Posteriormente, ela assumiu a coordenação do Projeto Educar Para Saúde Oral, que abrangeu um trabalho de educação alimentar com atendimento dentário e aplicação de flúor nas crianças, educação ambiental e também saúde sexual e direitos à saúde da mulher. Verônica participou dessa coordenação em parceria com a Secretaria de Saúde e apoio da Prefeitura Municipal de Vila Velha.

Nesse projeto, foi montada uma sala de atendimento odontológico para as crianças numa escola no bairro Santa Rita e a crítica foi ferrenha pela falta de respeito a comunidade no atendimento. Muitas vezes a comunidade solicitava o atendimento e alegavam que os equipamentos estavam quebrados ou ausência de dentista no local. As queixas eram muitas, a falta de saneamento básico, construção de escolas de qualidade e um atendimento médico de excelência. Verônica finaliza seu trabalho com o seguinte trecho:

Que esse trabalho, possa ser tomado como os primeiros passos, no sentido de desenvolver um trabalho maior. Primeiros passos para a elaboração destas questões sobre a subjetividade, individualização, coletivização, interação homem/natureza, individual/coletivo, tornou-se evidente que o coletivo só é possível de ser operado, a partir da evidência do indivíduo-individual. (Pas, 1990)

Verônica frisa que essas exigências ao governo e a realização de algumas melhorias na região, se deu por meio da desalienação dessas mulheres, pois o desejo individual, de serem sujeitas de sua própria história, com todas as suas subjetividades se aliaram ao desejo comum de cada uma pela melhoria no saneamento básico, acesso a segurança, saúde, educação e lazer em seus bairros, havia um interesse em comum que é o desejo e a luta por uma vida com dignidade.



Fotos 7 e 8: Verônica da Pas em trabalho social nas comunidades dos bairros Santa Rita e Primeiro de Maio, em Vila Velha, ano de 1989. (Acervo pessoal da família de Verônica).

CAPÍTULO 3 - DO PROJETO À NOMEAÇÃO DO MUSEU CAPIXABA DO NEGRO VERÔNICA DA PAS: LUGAR E PERSONAGEM DE MEMÓRIA

Este capítulo tem por objetivo debater a atuação de Verônica da Pas no projeto, criação, restauração e nomeação do Museu Capixaba do Negro que, após a morte da idealizadora, incorporou o seu nome, tornando-se o Mucane um lugar de memória e Maria Verônica da Pás uma personagem da memória afro-brasileira no Espírito Santo. Assim, para atingir tal objetivo, o capítulo debaterá o contexto histórico, político e cultural da criação do Mucane, o movimento liderado por Verônica denominado “vigília cultural - ocupar para resistir” e finalizará analisando o Mucane como lugar de memória e Maria Verônica da Pas, após o falecimento em 1996, como uma personagem da memória afro-brasileira.

3.1 - O CONTEXTO HISTÓRICO, POLÍTICO E CULTURAL DA CRIAÇÃO DO MUSEU CAPIXABA DO NEGRO

No dia 05 de outubro de 1988, foi promulgada a Carta Magna do Brasil, isto é, a Constituição Federal do Brasil, e os movimentos sociais estavam fervilhando na luta e esperança por dias melhores. Nessa época havia muitas reivindicações dos movimentos sociais para a elaboração de leis que garantissem a cidadania e a igualdade de direitos para toda a população.

O centenário da falsa Abolição da escravidão no país, também suscitou muitas movimentações na população afrodescendente e os movimentos negros organizaram encontros, eventos, dentre outras atividades para refletir sobre essa data. Com muita avidez, diversas organizações de movimentos negros se organizaram e exigiram os direitos cidadãos da população negra na promulgação da Constituição Federal Brasileira de 1988. Entre esses direitos estão aqueles referentes à saúde, à educação, à cultura, à identidade e à memória.

A luta pela memória acentuou-se ainda mais nesse período de reformulação política do país, e os ideais democrático estavam vivos em muitos corações

brasileiros. Nesse contexto, havia um desejo em se ter a construção de Museus que contam nossa história, que não é ensinada nas escolas, era preciso a construção de espaços públicos que garantissem as narrativas pela nossa ótica, pelo olhar dos povos afro-brasileiros. O exercício da intelectualidade, as artes, as vivências e as sobrevivências de pessoas que foram obrigadas a carregar essa dita nação brasileira nas costas, e que continuam vivos e produzindo vida apesar de toda ação contrária dos europeus e seus descendentes que enriquecem por meio da política de morte, balizada na exploração e manutenção de seus privilégios sociais.

A militância negra estava enérgica pela garantia de seus direitos reivindicados há anos, sua cidadania e principalmente, seus direitos à memória. E a realização do Seminário Internacional da Escravidão na universidade, promovendo encontro de pensadores que estudam as questões negras de dentro e fora da academia com múltiplas linguagens. A participação de pensadores negros foi além de refletir a condição que nos une enquanto povos descendentes de africanos na diáspora, bem como propiciou planejamentos de estratégias de liberdade. Então o Museu Capixaba do Negro “*Verônica da Pas*” germina nesse contexto de construção de estratégias libertárias e afirmação de uma vida digna para os afro-capixabas.

Verônica foi determinada na sua afirmação pelo desejo de concretizar o museu, e por meio de pressão e negociações com o governo do Estado, e diálogos com militantes do movimento negro, no dia 13 de maio de 1993, foi assinado o Decreto 3.527-N que previa a criação formal do Museu Capixaba do Negro em Vitória, o Mucane. O documento foi assinado pelo governador Albuíno Cunha de Azeredo (PDT), um dos primeiros governadores negros do Brasil, e até o presente momento, ano de 2023, foi o único governador negro do estado do Espírito Santo. Ali se iniciou um olho d'água de esperança, o nascimento de um novo momento para a população negra capixaba, finalmente tínhamos um espaço especialmente para o enaltecimento de nossa negritude, destinado a preservação e registro da memória dos afro-capixabas, com o nosso protagonismo nos pensamentos e em matéria, com nossas obras artísticas, exposições e nosso corpo em movimento, pela dança, pela capoeira e pelas produções de pensamentos e estratégias de sobrevivência.

Se baseando numa interpretação freudiana da psicanálise, Verônica reflete sobre a função psicológica da conservação e preservação da memória na psique humana, e compreende que:

Os traços materializados pelos monumentos e pelos sítios arqueológicos, ruínas, proporcionam uma variedade de imagens, da qual se pode extrair em qualquer instante, fragmentos de uma história que nos sirva de espelho. (Pas, 1994, p.181)

Utilizando como exemplo a mitologia grega que narra o enfrentamento Eros e Tânatos, Verônica diz que isso se permite manter a restituição de preservação, então é o momento de sociabilidade em que se dá o engendramento da troca simbólica, o universo museal confere ao observador a sensação de retrospectiva. Reconhecimento, identificação, familiaridade, mergulho na ancestralidade contextualizam seu tempo presente (Pas, 1994).

Ancorando no conjunto de símbolos pertencentes aos povos da língua Akan, atualmente localizados principalmente nos países Gana, Burkina Faso e Togo, na África Ocidental, rememoro o Adinkra Sankofa que é um ideograma, uma escrita filosófica que tem muitos significados e leituras, e os povos Ashanti de Gana definem assim: “Se wo were fi na wo sankofa a yenkyi” que significa: nunca é tarde para voltar ao passado e pegar lá atrás o que ficou. Sua representação imagética é um pássaro com a cabeça virada para trás e carrega uma semente no bico. É possível encontrar uma outra imagem dessa representação em formato parecido com um coração nas grades e portões de ferro em muitas casas pelo país. Nesse pensamento de que não é tabu voltar ao passado, ressignificar o presente e planejar um futuro, resgatar nossa verdadeira história e a imagem positiva do povo negro capixaba é também garantir a cidadania. Verônica pontuava que promover a inserção dessa conservação da memória na sociedade, favorecia no desenvolvimento econômico e social. Projetando a pluralidade de função que terá o Mucane, sua idealizadora defende que:

Ao evocar o conceito de etologia, que segundo Aurélio é a ciência que tem como objeto o estudo da cultura material e espiritual dos chamados povos naturais, estudar o conhecimento do ponto de vista cultural das populações primitivas, enfatizar a antropologia cultural propiciam associações que permitem observar a transversalidade com que se opera o museu, ao dar

conta das questões antropológicas, políticas, sociológicas e culturais enquanto fazer museal. (Pas, 1994, p. 181).

Apesar da conquista da criação do museu no papel, os militantes negros tiveram que insistir por mais um ano para obter o espaço físico do museu, e as manchetes de jornais da época, publicaram possíveis lugares que seriam o Mucane. A seguir, uma manchete do jornal A Gazeta no ano de 1994 com uma frase que diz: “Igreja do Rosário vai virar Museu do Negro”.

A reportagem informa que o processo para transformar o prédio histórico da Igreja da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, construído no século XVIII pelos integrantes da própria Irmandade⁶, em um museu estava tramitando no Conselho Estadual de Cultura. A reportagem dizia que o projeto museográfico caberia à Ufes e a disponibilidade do pessoal técnico para a manutenção do espaço caberia à Prefeitura de Vitória através da Lei Rubem Braga, que viabilizaria o recurso financeiro para a restauração e implantação de equipamentos para o Museu. A captação de recursos de empresas privadas também estava nos planos.

A ideia era de que o museu se localizaria na parte de cima da igreja, com a biblioteca informatizada, banco de dados, sala de vídeos e galerias para exposição de artes plásticas. E as atividades da igreja no térreo, e também orquestras e corais, mas todo o espaço sendo propriedade da Irmandade de São Benedito. A justificativa do governo era de que a igreja foi restaurada pelo Iphan em 1966, mas só era utilizada uma vez por ano, no dia 27 de dezembro, quando se realizava a procissão de São Benedito e o objetivo de utilizar a igreja para o museu é promover o funcionamento permanente desta igreja. Na reportagem tem uma fala de Verônica sobre essas negociações para a fundação do Museu:

Tem como finalidade inaugurar um espaço específico onde possa ser registrada a história do negro no Espírito Santo. Pretende recuperar as peças, os instrumentos de tortura e de trabalho usados durante a escravidão. Os documentos referentes às Insurreições e Levantes ocorridos em nosso Estado deverão constituir um banco de dados que possa orientar

⁶ Segundo dados historiográficos na página do IPHAN na internet, com acesso em 25/07/2023, disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1360/> a construção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário foi iniciada em 1765 e a estrutura principal foi erguida em apenas dois anos pelos membros da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

a formação do espírito-santense, além de ser o lugar onde se possam produzir ideias, produção científica acerca da cultura negra. (Pas, 1994).

Neste trecho da entrevista, Verônica relata que pretende recuperar os instrumentos de torturas utilizados pelos brancos para violentar os africanos escravizados, porém esse é o único material encontrado que ela se refere a esse fim. Nos demais noticiários de jornal e em seu artigo sobre o Mucane, ela narra uma iniciativa contrária à ideia de reafirmar um lugar de pesquisa e de memória sobre a população negra, o que parece denotar algumas dificuldades que encontrou para a criação de um lugar que narraria as memórias dos conflitos e exporia algumas feridas não curadas na sociedade capixaba, onde os causadores de tais feridas são as elites econômicas e políticas que mantêm seus herdeiros e representantes nos poderes públicos.

O que intriga nessa situação foi a dificuldade que os governantes da época alegaram ter para encontrar um lugar apropriado, mas não titubearam em destinar à instalação do Museu Capixaba do Negro um dos símbolos das lutas negras do passado, que é um local já estabelecido e tombado como patrimônio cultural do Espírito Santo, a Igreja do Rosário, mas que fica em um lugar de difícil acesso e de pouca visibilidade na cidade. A Igreja foi construída entre os anos 1765 e 1767 no centro de Vitória, pelos membros da Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, onde também havia a devoção a São Benedito. Trata-se da única igreja católica que acolhia os africanos escravizados e os alforriados que se organizavam para juntar dinheiro e pagar pela alforria de outras pessoas negras.

Alocar o Museu Capixaba do Negro no local de outro lugar de luta e organização negra, com temporalidades e estratégias de resistências diferentes, é nitidamente uma tentativa de limitar a construção dos lugares de memória da população negra capixaba, já que a igreja do Rosário foi no passado um lugar de construção de estratégias de resistência por meio da fé religiosa. Felizmente, o Mucane não virou anexo de um templo católico, e após 1 ano da assinatura do decreto em 13 de maio de 1993 que garante a fundação do Mucane, Verônica lamentava que a população negra continuava sem um espaço físico decretado e inaugurado.

Como estratégia para conseguir patrocínio e parcerias para a efetivação do mucane, Verônica foi a dois congressos no ano de 1994 para apresentar o projeto

que escreveu sobre a proposta do museu e seu texto está disponível nos anais dos eventos. Seu artigo intitulado “Mucane - Museu Capixaba do Negro - Museu da Cidadania - Devir Negro” foi apresentado no IV Congresso Afro-Brasileiro da Fundação Joaquim Nabuco,⁷ realizado em Recife, capital do Pernambuco e como resultado desse evento, publicado pela Editora Massangana, em 1995, o livro “O negro: Identidade e cidadania”, que teve o seu volume 2 organizado pela antropóloga Fátima Quintas. Nesta edição consta artigos de outros/as intelectuais negros/as, como do antropólogo Kabengele Munanga, do sociólogo Clóvis Moura, da historiadora Edileuza Penha de Souza (atualmente professora da UnB), da antropóloga Ilka Boaventura Leite, das historiadoras Lavínia Coutinho Cardoso e Suely M. B. dos Santos. Deste modo, ao me referir a esse texto de Verônica, o ano de publicação é de 1995.

Verônica também atravessou as fronteiras do Oceano Atlântico para falar sobre o Museu. Ela participou do III Congresso Luso-Afrobrasileiro de Ciências Sociais, realizado pelo Instituto de Ciências Sociais na Universidade de Lisboa - Portugal, país que iniciou a colonização deste território que eles nomearam como Brasil. Neste evento, Verônica apresentou o mesmo trabalho apresentado no IV Congresso Afro-Brasileiro da Fundação Joaquim Nabuco. E como um registro dos trabalhos, a Editora Cosmos publicou a coletânea “Dinâmicas multiculturais: novas faces, outros olhares - As ciências Sociais nos países de língua portuguesa e os desafios contemporâneos”. No entanto, para fins de acesso dos leitores que tenham interesse neste trabalho da autora, citarei apenas o que foi publicado no Brasil em 1995. Sobre a proposta de fundação do Museu, Verônica afirma:

Esta razão é legitimada pela existência/essência deste agente histórico, quer dizer da participação responsável deste agente na formação da sociedade brasileira. Esta razão existência/essência lhe foi negada e/ou confiscada, impossibilitando o seu direito a cidadania plena. A implantação do MUCANE - Museu Capixaba do Negro - Museu da Cidadania em Vitória - Espírito Santo, serve para solidificar concretamente os pilares da sustentação da cidadela em geral e da capixaba em particular (Pas, 1995, p.178).

⁷ A Fundação Joaquim Nabuco é uma fundação pública com regime de direito privado vinculada ao Ministério da Educação do Brasil. Sediada no Recife, em Pernambuco, foi fundada em 1949 com o propósito de preservar o legado histórico-cultural de Joaquim Nabuco, com ênfase nas regiões Norte e Nordeste.

Verônica da Pas idealizou a existência de um espaço público voltado para a produção e valorização do povo negro (Pas, 1994). Ela defendia a urgência de um lugar de memória que promovesse a cidadania das pessoas afro-capixabas e alegava que o Estado tinha o dever de formular políticas públicas que possibilitasse o acesso às informações em um “centro de excelência”, como ela define o Mucane, para que a população negra do Espírito Santo fosse de algum modo, ressarcida pelo histórico de violências sofridas. Segue o trecho do argumento em seu artigo:

O momento de criação do Mucane pode ser traduzido como projeção do desejo, da necessidade de criar um lugar onde se processe o conhecimento, o saber. O lugar de viver e reviver experimentos. De uma forma subjetiva o Mucane pode marcar o traço atemporal, dentro da temporalidade e serialidade inerente aos museus. O lugar para valorizar o cidadão e evidenciar suas potencialidades, permitindo o exercício da cidadania plena. (Pas, 1995, p. 184).

Verônica compreendia que a construção do Mucane era um dos muitos caminhos possíveis a serem tomados para que fosse cumprido o papel do Estado. Verônica, como muitos/as intelectuais negros/as da década de 1970 e 1980, tinha uma leitura de mundo por meio da interpretação marxista, portanto ela afirmava essa obrigação do Estado com a leitura Gramsciana das teorias de Marx, que era a execução de um Estado Integral, com a junção do governo (sociedade política) + Estado + sociedade civil, através da escuta e valorização dos movimentos sociais. Então a proposta da fundação do Mucane era a formulação de uma política pública cultural que atendesse as demandas do povo negro capixaba:

Compreende-se a criação do Mucane pelo governo, como o cumprimento do papel do Estado que ao evocar o conceito de Estado Integral, de acordo com a interpretação gramsciana que conceitua Estado Integral como sendo sociedade política + sociedade civil, onde o Estado também chamado de Estado relacional, desenvolve relações harmônicas sem haver cooptação ao formular uma política pública cultural atendendo à solicitação dos segmentos organizados da sociedade civil. (Pas, 1995, p.178).

De acordo com os dados estatístico do ano de 1994, Verônica apresentou que no indicadores sociais da região metropolitana da Grande Vitória do ano 1988, a população negra é 45,5%. Então é contundente ao dizer que um estado tão rico e promissor como o Espírito Santo tem o dever e compromisso com a produção cultural como bem de consumo, visando a melhoria da qualidade de vida do seu

povo (Pas, 1995). Portanto, a população negra, se apresenta como prioridade na formulação de políticas públicas que possibilitasse o acesso às informações. Verônica via a possibilidade de isso acontecer através da criação de um “centro de excelência” para a “questão do negro”, porque ela entendia a pessoa negra como segue:

Ele é o agente, ele é o sujeito de sua história, que ao reivindicar do Estado um espaço para concretização de um centro de excelência para a “Questão do Negro” exercita a sua cidadania. O Museu do Negro no Espírito Santo reflete um ganho para toda a sociedade, **mais um espaço político e cultural para o exercício da equidade numa sociedade plural**. (Pas, 1995, p. 184).

Finalmente, foi encontrado um lugar que seria o espaço de protagonismo negro capixaba, no dia 13 de maio de 1994, na Avenida República no Centro da Capital do Espírito Santo, ocorreu uma sessão solene de inauguração da sede do museu e junto com a cessão do prédio, e contou com a presença de autoridades políticas afirmando a promessa de reformar o edifício que encontrava-se em péssimas condições de uso. O prédio abrigava parte do Departamento de Estatística do Governo, que estava sem utilidade, mas mantinha no térreo uma Delegacia de Crimes Contra a Vida. Na reportagem do jornal A Gazeta, é relatado o desejo da reforma ainda no ano de 1994:

Com pompas de solenidade oficial, o prédio foi repassado ao Departamento Estadual de Cultura (DEC), que agora terá que dar andamento a um processo de restauração da edificação. A coordenadora geral do projeto de criação do Mucane, Maria Verônica da Paz, disse esperar que o Museu esteja plenamente instalado até novembro, embora não exista uma data oficial para que isso aconteça. (Reportagem de A Gazeta, 1994).

Inicialmente, o espaço destinado ao Mucane era somente onde está localizada atualmente a galeria de arte, no primeiro andar do prédio. Naquele momento, o térreo era destinado a Delegacia de Crimes Contra a Vida. Na dissertação “Memórias e identidades no espírito santo: um estudo a partir do Museu Capixaba do Negro”, da mestra em Ciências Sociais, Fernanda de Castro Barbosa relata detalhes dessa relação polícia militar e militantes dos movimentos negros. Na

reportagem do jornal A Gazeta, é relatado o projeto de Museu idealizado pela sua coordenadora:

O museu que ela [Verônica] garante ser o primeiro do país dedicado aos negros, fugirá bastante da visão mais tradicional de funcionamento. O objetivo principal do projeto, de acordo com Verônica da Paz, é a criação de um centro de estudos e pesquisas sobre a cultura negra. Nele funcionarão bibliotecas, um centro de referências sobre a cultura negra no Estado e no país, e terá ainda expostos trabalhos artísticos e históricos referentes à raça. Algumas cartas de alforrias e anúncios de jornais da época oferecendo negros de aluguel farão parte do acervo do Museu. (Reportagem de A Gazeta, 1994).

A escolha desse prédio, explicita uma estratégia colonial do Estado na manutenção do controle da população negra, pois é bem simbólico a escolha de um prédio onde está localizada uma Delegacia de Polícia Civil. Na parte térrea do prédio, esses agentes do Estado, a polícia, promovem a prisão de pessoas, em que o percentual é constituído majoritariamente de negros. Enquanto isso, no primeiro andar foi destinado um espaço para que militantes negros, em luta pela vida e pela criatividade de seu patrimônio cultural e memória, promovessem suas expressões artísticas e afirmassem o seu grito de existência por meio de várias modalidades de arte e cultura.



Foto nº 9: Reportagem sobre "A vigília cultural Ocupar para resistir". Jornal A Tribuna, 03/01/1995 (Acervo pessoal da família de Verônica)

3.2 - O MOVIMENTO "VIGÍLIA CULTURAL OCUPAR PARA RESISTIR"

Um ano após a sessão solene de entrega do Museu, mesmo com pressões da coordenadora para agilizar esse processo, a prometida restauração e reforma do prédio para iniciar o seu funcionamento ainda não tinha acontecido.

Em 1995, foi a lembrança dos 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, um dos líderes do Quilombo de Palmares no estado de Alagoas, que surgiu em 1597 e foi dispersado em 1694. A data mobilizou nacionalmente os movimentos negros para celebrar e vivificar a memória guerreira existente no âmago de cada corpo afrodiáspórico. Havia ainda a angústia e a ânsia pelo futuro, a incerteza

colocada pela entrada nos anos 2000, uma virada do século e do milênio. O ano de 1995 correspondia a metade da década de 1990 para os anos 2000. O questionamento colocado pelos corpos negros angustiados era: o que um corpo transmigrado pode esperar desse suposto “fim do mundo”? É a busca pela autoimagem. A referência de Dandara e Zumbi, a atualização desse espírito guerreiro nas nossas almas. É um grito de luta pela vida.

A militância negra capixaba também se mobilizou com várias atividades, e Verônica aproveitou a ocasião para ocupar o Mucane, que precisava de movimentação, se energizar com pessoas dentro dele fazendo mover a máquina da vida.

Como estratégia de resistência para dar vida ao espaço museal, Verônica organizou uma “vigília cultural” com o lema “Ocupar para resistir”. Convidou artistas e militantes negros a ocuparem o Mucane. Essa ação se articulava como uma resposta ao Governo do Estado, de que apenas a cessão do espaço não era suficiente, a população também exigia uma reforma e restauração urgente do prédio. Verônica via a possibilidade de um novo impulso para a restauração do Mucane em função da importância histórica que tem o Quilombo de Palmares e seu grande guerreiro Zumbi dos Palmares: “Este momento, do ponto de vista histórico, é muito especial. Toda a comunidade negra deve se mobilizar em torno dessa data.” (Verônica da Pas, 1995).

O jornal A gazeta publicou uma manchete informando a população sobre a abertura do espaço, e o trecho dá um enfoque na proposta do Mucane:

Quem pensa que um museu do negro abriga apenas instrumentos de tortura e outros artigos da época da escravidão está redondamente enganado, conforme destacou Verônica da Paz. ela disse que a ideia do Mucane é ser “um centro de excelência para a questão do negro”, englobado questões políticas, acadêmicas e, naturalmente, de memória. (A Gazeta, 1995)

Maria Verônica da Pas foi a primeira coordenadora do Museu Capixaba do Negro. Funcionária pública, ela dividia seu tempo entre as atividades como médica psiquiatra no Hospital São Lucas e a gestão do espaço cultural e foi determinada na busca de soluções para viabilizar a reforma do Mucane. Como proposta de ser um museu também dedicado à formação educacional, dentre as atividades da “vigília cultural” foi realizado o “Pré-vestibular alternativo para negros e negras carentes”,

com professores voluntários e as aulas aconteceram em salas cedidas no Colégio Agostiniano, localizada na mesma rua do Museu, e recebeu o apoio do Sindicato dos Engenheiros, Sindicato dos Bancários e Sindiupes. Os alunos participavam ativamente do Mucane e ao fim do ano tiveram aprovação em faculdades.

Verônica convidou o artista plástico sergipano Zuilton Ferreira que reside no Espírito Santo para expor suas obras “instrumentos musicais em cerâmica” e “Estandartes - relicários afros”, como abertura da exposição e ocupação do Museu e os militantes negros presentes realizaram um cortejo a Zumbi dos Palmares. Também contou com outras exposições: uma homenagem em vida ao Mestre Balduino, o Rei do Pandeiro, com uma mostra de chapéus; a exposição intitulada “A influência da cultura negra brasileira”, atividades das alunas e alunos da escola Maria Ortiz, coordenada e idealizada pela professora de português Márcia Maria dos Santos.

Na tentativa de retirar o museu da concepção colonialista de museu que promove a morte simbólica da cultura negra e transformá-lo em “museu da vida”⁸, Verônica da Pas convidou artistas negros e movimentos sociais da cultura para realizarem ali suas atividades, e demarcarem o espaço como lugar de construção de memórias e identidades afro-brasileiras. Assim, ali ocorreram: rodas de conversa, aulas de capoeira, dança afro e espetáculos do grupo dança Negraô, que também compôs e deu vida a esse momento. O movimento de mulheres se fortaleceu ainda mais e nesse contexto, nasceu, a partir de reuniões no Mucane, a Associação das Mulheres Negras *Oborin Dúdù*, com estudos e diálogos de emancipação e autonomia feminina. Havia um revezamento para manter as portas do museu alertas para visitaçã, e Verônica enquanto coordenadora também recepcionava as visitas escolares e muitas crianças tiveram conhecimento sobre a cultura negra de modo respeitoso e digno.

A reforma do prédio do Museu só foi iniciada em 2008, e após o início da restauração de todo o prédio, o instituto Elimu Professor Cleber Maciel⁹ aprovou o

⁸ Termo usado por Almeida (2018) para se referir aos pequenos museus criados por povos e comunidades tradicionais como indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, quebradeiras de coco babaçu, comunidades de fundo de pasto, ribeirinhos e outros.

⁹ O Instituto Elimu Professor Cleber Maciel foi criado em 2004 pelos militantes de movimentos negros, como uma homenagem a esse professor que foi pesquisador e militante em defesa das comunidades e culturas afro-brasileiras no Espírito Santo. O objetivo da criação desse instituto foi de promover o desenvolvimento social, econômico e educativo do povo de origem africana e de seus descendentes, no Espírito Santo, por meio da realização de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Deste modo, assim como Verônica da Pas, Cleber Maciel se tornou um personagem da memória afro-brasileira no Espírito Santo.

projeto “Trajetória histórica do Museu Capixaba do Negro” no edital da Lei Rubem Braga da Prefeitura Municipal de Vitória. O trabalho resultou na publicação da Revista Mucane, organizada pela doutora em Educação Nelma Monteiro e pela historiadora e mestra em Ciências Sociais Fernanda de Castro Barbosa, e está disponível em formato digital no site da Prefeitura de Vitória e do Instituto. Fernanda de Castro Barbosa realizou entrevistas com militantes do movimento negro para o desenvolvimento do trabalho, e utilizo alguns trechos dessas entrevistas para desenvolver essa monografia e um capítulo de livro, que se encontra no prelo, que escrevemos em co-autoria.

Maria Verônica da Pas esteve à frente do Mucane até meses antes do seu falecimento ocorrido em 02 de outubro de 1996. Na passagem da sua gestão para uma comissão formada por militantes do movimento negro, ela realizou um encontro para apresentar um projeto, elaborado em conjunto com outros museus do país.

Sobre esse momento de transição e de transmissão da responsabilidade de continuar a luta pela restauração do prédio do Museu, a historiadora e integrante do movimento negro, Madalena Correia, lembra:

Elaborou-se na época um projeto fantástico do Museu: moderno, com apoio do Museu Nacional do Rio de Janeiro, tinha um contato acho que também no MASP, São Paulo, uma coisa assim... Era uma coisa de ponta, uma tecnologia maravilhosa. E chegou-se na época a conseguir recursos internacionais, e o Brasil não deu resposta. Brasil não, o Espírito Santo não deu resposta. E não teve retorno pra isso aí. Acho que esse dinheiro era da Alemanha, se não me falha a memória. Então eles tinham... só que aí o Estado do Espírito Santo teria que dar a contrapartida, que não foi dada. Ela [Verônica] não conseguiu na época; ela tentou com vários amigos políticos, vários caminhos e não conseguiu a contrapartida. Aí perde-se o recurso, né. (Correia, 2011).

Além de ter uma formação médica, inclusive em cargos de gestão e ser bem relacionada nesses ambientes elitistas da Grande Vitória, Verônica fez especialização em políticas públicas. Então, esse olhar estratégico e visionário para um embate burocrático possibilitou a assinatura do Decreto e para conseguir parcerias financeiras, ela preparou um projeto robusto com cronograma de execução e detalhamento financeiro para o Museu. Um dos projetos é intitulado como “Mapeamento dos sítios arqueológicos negros do município de Vitória - Museu Capixaba do Negro”. Tendo em vista a proposta do Museu como um lugar de

produção e valorização das pessoas afro-capixabas por uma visão acadêmica que respeite a dignidade humana, Verônica explica:

O projeto “Mapeamento dos sítios arqueológicos negros do município de Vitória”, tem por finalidade cadastrar os sítios e os remanescentes culturais, através da história oral, peças e documentos relevantes bem como auscultar as principais reivindicações que possibilitem o Mucane firmar-se como Centro de Excelência para a “questão do negro” por um lado e por outro formulará políticas públicas a serem desenvolvidas por instituições públicas, tais como, Prefeitura Municipal, Governo do Estado e Universidades. (Pas, 1995 b. p. 3).

A meta era criar um banco de dados e informações que fosse referência para pesquisadores e a população interessada nas questões pertinentes à cultura negra. O trabalho foi planejado para durar 6 meses, tendo início em novembro de 1995 e finalizar em abril de 1996, com a ideia de que em maio o resultado já estivesse à disposição da instituição financiadora, mas o projeto não foi executado. Neste projeto, Verônica cita dois apoios importantes para sua proposta:

Ressaltamos que o presente projeto conta com o apoio técnico do Museu Histórico Nacional e da organização americana denominada Museu Anacostia, considerada a maior referência para a “questão do negro” nos Estados Unidos e ora desenvolve uma política cultural para o Hemisfério sul, sendo o Mucane a instituição brasileira que participa do projeto. (Pas, 1995b.p. 3)

Na ocasião da transferência da gestão do Mucane, além de receber a documentação do projeto, Madalena recorda que ouviu da Verônica a seguinte orientação:

(...) ela deixou uma frase assim muito interessante: toda a burocracia foi feita, todas as tentativas silenciosas também, todos os chás de cadeira já foram tomados. Então agora eu tô passando pra vocês, porque eu acho que o poder público vai ouvir o som dos tambores. **Vão pra rua, façam o movimento, porque silenciosamente eles não vão nos ouvir.** (Correia, 2011).

A militância negra capixaba manteve-se “barulhenta”, e o espaço continuou sendo transformado em lugar de práticas culturais e de construção de memórias com oferecimento de cursos, exposições de obras, e funcionando de ateliê para artistas e lugar de reunião de coletivos. Em 2007 o Governo do Estado transferiu a administração do prédio para a Prefeitura de Vitória, e o Museu Capixaba do Negro foi finalmente entregue (restaurado e ampliado) à sociedade capixaba, lamentavelmente, não foi entregue com a estrutura idealizada pela sua primeira

coordenadora e militantes negros. E atualmente, está com algumas atividades suspensas devido a uma nova reforma e a previsão é de que em agosto de 2023, as obras estejam finalizadas.

Verônica não viveu para ver a concretização da reestruturação do Mucane. Partiu em 02 de outubro de 1996 vítima de um aneurisma cerebral. Seu protagonismo para a existência desta instituição, porém, foi lembrado. Maria Verônica da Pas empresta, hoje, seu nome ao museu. Viva a sua existência!



Foto nº 10: Abertura do Movimento Vigília Cultural "Ocupar para Resistir" no ano de 1995, no Mucane.

Na foto da esquerda para direita: José Luis da Silva (irmão caçula de Verônica), Edileuza Penha de Souza (2º coordenadora do Mucane), Maria Lúcia da Silva (irmão de Verônica). E outros integrantes do Movimento Negro. (ainda não identifiquei os nomes)



Foto nº 11: Recepção de Verônica da Pas (coordenadora do museu) em visitas escolares, ano de 1995. Mucane

3.3 - O MUCANE COMO LUGAR E MARIA VERÔNICA DA PAS COMO PERSONAGEM DE MEMÓRIA

O Mucane se coloca como um símbolo e um lugar de disputa ideológica e de memória na sociedade capixaba, representa a memória exigida como um direito constitucional, pois sua fundação é a burocratização de uma contra-narrativa da memória oficial da nação brasileira. Com isso, parafraseando Pollak (1989; 1992), é possível afirmar que se trata não apenas de um lugar de memória, mas de memórias subterrâneas que estão vindo à superfície paulatinamente em momentos propícios para contrapor à memória oficial que sempre se encarregou de silenciar e invisibilizar a memória afro-brasileira.

A dificuldade de efetivação e de um maior financiamento para manutenção, até hoje, deste espaço público, tem a ver com o projeto colonial ainda em vigência nas práticas dos agentes de Estado, sob o qual algumas memórias são contadas e outras esquecidas. Os símbolos, monumentos e nomes que homenageiam as instituições e algumas personagens públicas, em ruas e avenidas, contam uma história. A partir da representação de personagens históricos e/ou personagens de memória, fazer reverência à memória de uma pessoa, é trazer os feitos do passado

para o tempo presente de uma sociedade de forma ressignificada e traduzida e isso vai se constituindo na memória histórica dos agrupamentos afro-brasileiros, possibilitando assim a construção da identidade das pessoas integrantes desses agrupamentos.

O sociólogo austríaco, Michael Pollack em seu artigo “Memória, esquecimento e silêncio” disserta sobre a função dos ditos e os não ditos na memória coletiva, e também do enquadramento da memória, que implica na privação da pessoa de narrar sua própria história:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações, etc. (Pollack, 1989, p. 9).

O esquecimento e silenciamento de memórias sociais ocorre pela ação de grupos que detém o poder oficial de uma sociedade. Para manter a coesão e defender as fronteiras daquilo que os grupos de maioria política, os povos europeus e seus descendentes, que invadiram esse território no ano de 1500, e por meio de violência física e psicológica, faz-se investimento da história social oficial, que é um trabalho de enquadramento da memória, definem os limites e lugares sociais dos povos africanos, indígenas e seus descendentes. Porém, em meio a tantas violências, a memória não desaparece, as filosofias africanas e indígenas estruturam a cultura desse país, se infiltram em lugares simbólicos de poder e estabelece um combate estratégico de criatividade e reinvenção. Sobre essa questão, Pollack pontua:

Vê-se que as memórias coletivas impostas e defendidas por um trabalho especializado de enquadramento, sem serem o único fator aglutinador, são certamente um ingrediente importante para a perenidade do tecido social e dos conflitos num determinado momento conjuntural. Mas nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estáveis e sólidos que possam parecer, têm sua perenidade assegurada. Sua memória, contudo, pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que por não poder se ancorar na realidade política do momento, alimenta-se de referências culturais, literárias ou religiosas. O passado longínquo pode então tornar-se promessa de futuro e, às vezes, desafio lançado à ordem estabelecida. (Pollack, 1989. p.11).

O fato de não haver diálogos abertos sobre a historicidade colonial do Brasil para toda a população brasileira, e a construção de uma memória nacional que é

contada pela perspectiva dos invasores, é a ação de enquadrar a memória somente por um ângulo. Promover homenagens aos homens brancos, agentes ativos da colonização e os herdeiros e mantenedores de toda essa estrutura colonial, e promover na memória coletiva a ideologia de que há uma democracia racial é negar a existência de outras memórias históricas, e um modo de enfraquecer as identidades e enfraquecer a noção de pertencimento das pessoas a um povo, facilitando o domínio. Sobre a memória nacional, a antropóloga carioca Lélia Gonzalez descortina o discurso colonial em seu artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, pois há uma intenção de alienar a consciência das pessoas, mas a memória ultrapassa qualquer tentativa de apagá-la. Sempre haverá pessoas lutando pelo seu direito de existir e de narrar suas próprias lembranças e histórias.

Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente conhece como o não saber que conhece. Esse lugar de inscrição que restitui uma memória que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que a memória inclui.” (González, 2018, p.194).

Nesta rota em direção ao sentimento de pertencimento a um povo, considero o Mucane como um quilombo urbano. Amparada na referência da historiadora sergipana Beatriz Nascimento, afirmando que os quilombos não acabaram no pós-abolição, pois o continuum histórico permitiu que os quilombos rurais caminhassem para as zonas urbanas, como segue: “Quando um quilombo caía pelas forças de pressão, pouco tempo depois outro, no corredor das montanhas cariocas, se levantava e tornava-se visível para a cidade” (Nascimento, Ori, 1989).

Beatriz defendia a continuidade histórica dos estabelecimentos negros do passado, os Quilombos, com aqueles que persistiriam na contemporaneidade, comunidades negras rurais e favelas urbanas. Ela desmistifica a ideia de quilombo num passado estático e atualiza a resistência negra, nos indicando que onde estiverem pessoas negras produzindo seus modos de vida e a busca constante pelo ser, pela sobrevivência, ali se encontra um Quilombo. Núcleos negros hoje compreende a escolas de samba, os terreiros de candomblé, os bailes negros, as agremiações negras, as comunidades negras rurais e favelas. A historiografia

brasileira não poderia considerar os quilombos casos esporádicos e desarticulados de um fato político maior, portanto o Museu Capixaba do Negro se junta aos inúmeros quilombos urbanos do Centro Histórico de Vitória. Onde há fugas constante do aprisionamento humano, do sufocamento que é viver na diáspora, há luta pela preservação de memórias e identidades, como foi a implementação do Mucane, pois,

Após a abolição do trabalho escravo, não se documenta mais o processo do quilombo. Entretanto, pela pesquisa realizada ele se interioriza nas práticas e condutas dos descendentes livres de africanos. Sua mística percorre a memória da coletividade negra e nacional, não mais como guerra bélica declarada, mas como **um esforço de combate pela vida**. (Nascimento, 1982, p. 04).

Pensar o Mucane como um lugar de memória e evidenciar a importância política de Maria Verônica da Pas para a população afro-capixaba, faz um desvio da limitação do enquadramento da memória oficial e contribui para uma formação positiva das identidades negras. Além de assegurar tantas memórias no cotidiano do Mucane, e de ser nomeado Verônica da Pas *In memoriam*, a biblioteca do Mucane homenageia o saudoso pastor, professor, filósofo e ex-senador Joaquim Beato que tem uma importante contribuição na luta contra o racismo e foi um dos fundadores do curso de filosofia na Universidade Federal do Espírito Santo.

A dificuldade que os militantes negros encontraram para a assinatura oficial do Decreto de fundação do Mucane, decisão de um espaço adequado e sua reforma e manutenção exemplifica a disputa pela memória. A promoção do Estado para o esquecimento e desconhecimento da maioria da população capixaba em relação à memória de Verônica expõe a neurose cultural brasileira, conceito denominado pela antropóloga Lélia gonzález, em que não permite vir à tona a memória coletiva, a existência de uma personagem negra feminina com uma significativa contribuição e representatividade política para as organizações negras no estado do Espírito Santo, em especial para estudantes negros/as que procuram espelhos profissionais que passaram pela formação universitária.

Neste sentido, segundo a definição de Pollak (1992), é possível afirmar que Verônica da Pas se tornou uma personagem da memória afro-brasileira no Espírito Santo, pois se tornou referência para a formação universitária e no campo da

medicina para jovens negras/os. É também referência de profissional da saúde que se importa consigo e com a outra/o, pois engajou-se social e politicamente na defesa das mulheres e homens pobres e negros/as que não recebiam qualquer apoio do poder público nos serviços de saúde. Deste modo, só é possível entender trajetória biográfica, no sentido de Bourdieu (1992), de Verônica da Pas se levarmos em consideração os contextos sociais e políticos em que ela viveu e se o recorte da relação raça e classe não for desprezado.

CONCLUSÃO

A partir da minha experiência de estágio no Museu Capixaba do Negro no ano de 2018 à 2020, instituição pensada para promover a cidadania, proporcionar visibilidade e recolocar o povo negro na história do Espírito Santo, e que leva o nome de Maria Verônica da Pas (*In memoriam*), uma das principais responsáveis pela sua criação e que, ironicamente, é invisível para a maioria da sociedade capixaba, eu fui agraciada com a missão de pesquisar a história de vida de Maria Verônica da Pas. Meu primeiro questionamento veio de imediato: Como contar e o que contar? Como fazer jus, em poucas páginas, a sua trajetória de vida tão pulsante e trazê-la de volta para a memória coletiva capixaba?

Rompendo de muitos modos os obstáculos arquitetados pelo colonialismo, Verônica, ao longo da sua vida, enfrentou as injustiças raciais com tenacidade, o que muitas vezes, custou seu tempo, energia e saúde. Ao ultrapassar os limites que lhe eram impostos pela sua dupla condição de opressão - negra e mulher - Verônica deixa sua marca grandiosa na história do Espírito Santo.

Ao narrar seus feitos, meu intuito não é romantizar a sua “trajetória de luta intensa” ou sua “postura guerreira”, não nesse sentido de um esforço inumano ou do mérito individual de realizar sonhos e alcançar objetivos. Pelo contrário, ao apresentar esta monografia sobre Verônica, meu desejo foi ampliar sua voz, bem como refletir que mulheres negras são transgressoras em muitas frentes de sua vida, pois a estrutura racista produz empecilhos para as suas realizações e, ter que superar tantas dificuldades e se impor a tantos obstáculos, apenas para ser, no sentido mais pleno da palavra, é uma constante luta pela vida.

Recontar o passado de Maria Verônica da Pas, apresentar algumas das suas singularidades é uma ferramenta de combate que encontrei para denunciar a violência institucional que invisibiliza a existência digna do povo negro nos nossos livros e arquivos. Longe de suprir as lacunas da memória, desejo ter contribuído para suscitar reflexões sobre a necessidade urgente de romper os silêncios sobre a população afro-brasileira na memória coletiva capixaba.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Museus indígenas e quilombolas: os novos significados do conceito de processo de patrimonialização. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v. 37, p. 39-57, 2018.

AGUIAR, Maciel. **Os Últimos Zumbis**. Rio de Janeiro: Brasil-Cultural, 2001.

BARBOSA, Fernanda de Castro. Memórias de um lugar: 25 anos do Museu Capixaba do Negro. **Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, v. 2, n. 3, p. 70-81, 2018.

BARBOSA, Fernanda de Castro. Memórias e identidades no Espírito Santo: Um estudo a partir do Museu Capixaba do Negro. **Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais**. PGCS-UFES, Vitória - ES, 2016.

BARBOSA, Fernanda de Castro; MONTEIRO, Nelma. **Revista Mucane**. Vitória: Instituto Elimu Professor Cleber Maciel, 2012. Disponível em https://m.vitoria.es.gov.br/arquivos/diario/20170922_revista_mucane.pdf. Acesso em: 24 de agosto de 2021.

BEATO, Rosaura Bandeira. Ser médico negro no Espírito Santo: resignificando identidades sociais e étnicas. 2006. **Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva**. Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em http://repositorio.ufes.br/bitstream/10/5375/1/tese_2510_2004_Rosaura%20Bandeira%20Beato.pdf. Acesso em: 24 de agosto de 2021.

BISPO, Suely; SOUZA Edileuza Penha de. **Resistência Negra da Grande Vitória**. Dos quilombos ao movimento negro. Vitória: Multiplicidade, 2006.

CARDOSO, Lavinia Coutinho. Revolta negra na Freguesia de São José do Queimado: escravidão, resistência e liberdade no século XIX na província do Espírito Santo (1845 -1850). **Dissertação de Mestrado em História**. PPGH-UFES, Vitória-ES, 2008.

CARDOSO, Antonio José Costa; SILVA, Gabriela Andrade da; ANTUNES, Rene Luiz Moura; et al. Violência institucional e enfermidade mental: narrativas de egressos de um manicômio da Bahia. **Saúde em Debate**, Volume 44, Número 127, Publicado: 2020. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/r8Ksc6S3R96v9m6n7b6jjWH/?lang=pt>. Acesso em: 01 de julho de 2023..

CORREIA, Madalena. **Mucane**. Entrevista concedida a Fernanda de Castro Barbosa e Nelma Monteiro em 2011. Meio de registro: Gravador Digital. Vitória-ES, 2011.

FERREIRA, Zuilton. **Mucane**. Entrevista concedida a Fernanda de Castro Barbosa e Nelma Monteiro. Vitória (ES), 2011.

GONZÁLEZ, Lélia. **Primavera para rosas negras, Lélia González em primeira pessoa**. Editora UCPA, 2018.

MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo**. Vitória: DEC, SPDC/ UFES, 1994.

MACIEL, Cleber. **Candomblé e Umbanda no Espírito Santo: práticas culturais religiosas afro-capixabas**. Vitória-ES: DEC/UFES, 1992.

MACIEL, Cleber. “388 anos de escravidão, 293 anos da morte de Zumbi, 100 anos de Lei Áurea, 488 anos de intolerância”. Comunicação apresentada no Seminário Internacional da Escravidão, Vitória-ES, 1988. In: **Anais do Seminário Internacional da Escravidão**. Coordenação de Maria Verônica da Pas. Vitória: Ed. Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1992.

NASCIMENTO, Beatriz; GERBER, Raquel . **Orí** - Filme Documentário, 1989.

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. Autodefinição, memória e pandemia em quilombos: um estudo a partir do estado do Espírito Santo. In: CARVALHO, Ana Paula Comin de; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de; MOMBELLI, Raquel. **Quilombos: direitos e conflitos em tempos de pandemia**. Brasília - DF, ABA Publicações, 2023, p. 199-222. Disponível em <http://portal.abant.org.br/aba/publicacoes/publicacao-456775>

OLIVEIRA, Osvaldo Martins de (Org.). **Cleber Maciel. Negros no Espírito Santo.** Vitória-ES: APEES, 2016.

PAS, Maria Verônica da. Entrevista concedida ao jornal A Notícia. Linhares/ES, 30/06/1979, p. 2.

PAS, Maria Verônica da. Entrevista concedida a Sebastião Silva do jornal O Pioneiro. Linhares/ES, 30/06/1983, p. 3.

PAS, Maria Verônica da. **A Mulher como pessoa.** I Encontro da mulher capixaba.1985.

PAS, Maria Verônica da (org.). **Seminário Internacional da Escravidão.** Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida e Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 1992.

PAS, Maria Verônica da. Entrevista concedida ao jornal A Gazeta. Vitória/ES, 1994.

PAS, Maria Verônica da. Entrevista concedida ao jornal A Tribuna. Vitória/ES, 03/01/1995. AT2 p. 8.

PAS, Maria Verônica da. “Mucane (Museu Capixaba do Negro) - museu da cidadania - devir negro”. In: Anais do 4º congresso afro-brasileiro. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1995.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos,** RJ, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SCARDUA, Eduardo Felipe. **Mucane.** Entrevista concedida a Fernanda de Castro Barbosa e Nelma Monteiro, em 2011. Meio de registro: Gravador Digital. Vitória-ES, 2011.

SCHEFFER, Mário; CASSENOTE, Alex; GUILLOUX, Aline Gil Alves; et al. **Demografia médica no Brasil 2018**. [S.l.: s.n.], 2018. Disponível em <https://jornal.usp.br/wp-content/uploads/DemografiaMedica2018.pdf>. Acesso em: 24 de agosto de 2021.

SOUZA, Edileuza Penha de. **Mucane**. Entrevista concedida a Fernanda de Castro Barbosa e Nelma Monteiro, em 2011. Meio de registro: Gravador digital. Vitória-ES, 2011.

VINHAS, Wagner. Revisitando Maria Beatriz Nascimento: a continuidade histórica entre os sistemas sociais negros do passado e os assentamentos em favelas urbanas e comunidades rurais da atualidade. **Revista da ABPN**, V. 10, N. 25, 2018.